

II ENCONTRO ^{DE} JOVENS RURAIS ^{DO} SEMIÁRIDO

Picos, 05/04/2019 a 07/04/2019

Memória



II ENCONTRO ^{DE} JOVENS RURAIS ^{DO} SEMIÁRIDO

Picos, 05/04/2019 a 07/04/2019

Piauí, 2019

FICHA TÉCNICA PROGRAMA SEMEAR INTERNACIONAL

Coordenação:

Fabiana Dumont Viterbo

Assistência Administrativo Financeiro:

Ana Luiza Santos

Gerência de Gestão de Conhecimento:

Aline Martins da Silva

Gerência de Cooperação Sul-Sul:

Ruth Pucheta

Assistência de Cooperação Sul-Sul:

Esther Martins

Gerência de M&A e Comunicação:

Diovanne Filho

Assessor de M&A:

Adalto Rafael

FICHA TÉCNICA PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO

Secretário de Desenvolvimento Rural – PI

Antonio José Pereira Ferreira

Diretor Executivo do PVSA

Francisco das Chagas Ribeiro Filho

Diretora Técnica do PVSA

Maria Lúcia Araújo Silva

Coordenador de Enlace IICA e Governo do Estado do PI

Evandro Carlos Miranda Cardoso

Coordenadora de Desenvolvimento Social e Humano

Maria da Salete Ximenes Cavalcante

PRODUÇÃO TEXTUAL DESTA MEMÓRIA

Texto final:

Apoio Técnico da PROCASUR

Jessé Barbosa – Icomradio

Síntese das oficinas:

Dr. Marx Rodrigues de Moura – IFPI

Síntese das plenárias:

Gracielle Barroso

Andrea Simone

Depoimentos e dados sobre participação no Encontro:

Instituto Comradio do Brasil

Imagens:

Manuela Cavadas – Programa Semear Internacional

Milena Rocha – Icomradio

Mário Jorge – Icomradio

Revisão:

Ariel Santana

Projeto Gráfico e diagramação:

Simone Silva – Figuramundo



PESSOAL ENVOLVIDO

Equipe de organização do Encontro

Alexandre Alves de Carvalho
Aline Martins da Silva
Ana Luiza Pinto Palma Santos
Andréa Simone dos Santos Sousa
Antonio Clementino da Silva Junior
Antonio José Costa de Oliveira
Arlete Setúbal
Cássia Tamyris Sousa
Christianne de Sousa Leandro Melo
Clea Mesquita
Dandara Silva Araújo
Daniel José do Nascimento Ferreira
Diovanne Filho
Domervalde Sousa Luz
Eberson Martins de Oliveira
Edna de Jesus Maciel
Evandro Cardoso
Fabiana Dumont Viterbo

Fabício Alencar Cavaleiro
Fabício Ferreira de Sousa
Fagner Soares da Silva Rocha
Francisca Maria Leal
Francisca Maria Vieira Leal Lisboa
Francisca Medianeira Dantas
Francisco das Chagas Ribeiro Filho
Francisco Gildevan de Sousa
Francisco Jose de Oliveira Silva
Francisco Ricelli Rodrigues da Silva
Jayro Lopes Antunes
Jeosafira Rocha Chagas
Jessé Barbosa da Silva
João Marcos Paz de Carvalho
José Carlos de Araújo Lopes
José Manoel de Oliveira
José Venicio Moura Júnior
Jucelma Sales
Larissa Maria Lucena Machado
Letícia Sousa

Maria Da Salete Ximenes Cavalcante
Maria Lúcia Araújo E Silva
Messias Muniz De Nassau Neto
Milena Andrade da Rocha
Mireya Valencia Perafán
Osimar Ramos Oliveira
Sarah Luiza De Souza Moreira
Teresa Cristina Freitas Campos
Vicente Gomes Da Silva

Facilitadoras gráficas

Camila Mendes Maia
Ilka Fagundes Correia
Raissa Dias Theberge

Cirandeiros

Andréia Ribeiro
Verônica da Gama Feitosa

SIGLAS



Apaspi – Associação dos Produtores Agroecológicos do Semiárido Piauiense

ASA Piauí – Articulação Semiárido Brasileiro Piauí

ASA/Irpa – Articulação Semiárido Brasileiro/Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada

Ater – Assistência Técnica e Extensão Rural

BA – Bahia

CF/88 – Constituição Federal de 1988

Conjuve – Conselho Nacional de Juventude

Contag – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

EFA – Escolas Família Agrícola

Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

Fetag/PI – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Piauí

Fida – Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola

Fórum Ecosol – Fórum Economia Solidária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFs – Institutos Federais

IFPI – Instituto Federal do Piauí

IICA – Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens

Matopiba – Bioma Cerrado dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia

MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PB – Paraíba

PCT – Projeto de Cooperação Técnica

PI – Piauí

Planapo – Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica

Pnapo – Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica

Pnater – Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária

PPA – Plano Plurianual

Procase – Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú

Projovem – Programa Nacional de Inclusão de Jovens

Pronater – Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural

PVSA – Projeto Viva o Semiárido

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UnB – Universidade de Brasília

PRESENTE
não futuro!"

autonomia financeira
do jovem no campo
por meio do

EMPREENDEDORISMO!

SUCCESSÃO
COMO CONTINUIDADE

Que **model**
Sociedade
estamos

tecnologia
como estratégia
de apoio para o
jovem estudar
no campo.



SUCCESSÃO COMO
TRANSFORMAÇÃO!



Por QUE
PERMANECER?
NO CAMPO?



"O JOVEM S
SENTE MUIT
SOZINHO!
DAÍ A IMPORTA
DA **FORMAÇ**
DE **REDES**

SUCCESSÃO
COMO UM
DIREITO!



SUCCESSÃO
COMO UMA
**POLÍTICA
PÚBLICA**

Acesso à
Terra pelo
próprio jovem



no
está
ção de
SÃO!

DADES?



PLANO NACIONAL DE JUVENTUDE E SUCCESSÃO RURAL

**RESISTIR
PARA EXISTIR**

Qualidade
de vida

(Diversidade) (Participação)

reendedorismo
o **a serviço**

Trabalhar **pelas/para**
peçoas e não para as
empresas

"Não ter vergonha
de divulgar **das nossas**
ORIGENS! Dizer que
somos **indígenas,**
quilombolas,
da reforma agrária!

**O JOVEM NÃO
É MÃO DE OBRA**

UNIFI
AS PA

#LUI

NÃO É
TIVEMOS
TEMOS

SUMÁRIO



Introdução	11
O encontro	13
Programação	14
Eixos temáticos	18
Perfil dos e das participantes	19
Palestra de abertura	27
Plenárias	31
Oficinas	53
Conclusão	64
Depoimentos	65
Carta das Juventudes Rurais do Semiárido Brasileiro	71
Anexo I – Relatório de Oficinas (síntese)	85
Anexo II – Carta do Governador	115

CONCENTRO JOVENS RURAIS DO SEMIÁRIDO



ACOSTAMENTO

AGROECOLOGIA

JUVENTUDE RURAL

FETAG-PIAUÍ

PIAUÍ

FETRAECE

Jovens & Semiarido Resistência & Qualidade

INTRODUÇÃO



O Brasil é reconhecidamente um dos maiores produtores de alimentos e de produtos agroindustriais do mundo. As diferenças entre os sistemas produtivos, os biomas e os fatores socioeconômicos nos quais se desenvolve a produção agrária são extraordinárias e demandam diferentes políticas e abordagens.

O semiárido nordestino é uma das regiões em que as particularidades são mais acentuadas. Nele predomina uma agricultura familiar ancestral que convive com um regime hídrico escasso e irregular, e políticas agrícolas frequentemente trataram de induzir cultivos e criações pouco adequadas às condições regionais.

A região é especialmente afetada pela pobreza, pela desigualdade e pela exclusão, que se manifestam sob a forma de limitações no acesso à terra e a serviços básicos como saúde, educação e capacitação, mercados e crédito.

Com o objetivo de alterar esse quadro por meio do desenvolvimento rural, o governo federal brasileiro e os governos estaduais da região, com a colaboração financeira do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida), vêm desenvolvendo uma série de projetos e ações para apoiar e promover a agricultura familiar no semiárido nordestino.

O Marco Estratégico do Fida para 2025 estabelece a criação de oportunidades viáveis para os jovens rurais como uma de suas prioridades, especialmente no acesso a mercados, sistema financeiro e gestão sustentável da terra.

Os jovens do semiárido representam, simultaneamente, uma parcela da população em situação de vulnerabilidade e com extraordinário potencial de mobilização e aptidão para conduzir iniciativas voltadas à consecução dos objetivos dos programas

apoiados pelos governos federal e estaduais, pelo Fida e pelo **Semear Internacional**, um programa de gestão do conhecimento em zonas semiáridas do Nordeste.

Como parte dessas ações, realizou-se, entre 5 e 7 de abril de 2019, em Picos, estado do Piauí, o II Encontro de Jovens Rurais do Semiárido Brasileiro. O evento foi realizado no Instituto Federal do Piauí (IFPI) – campus Picos, pelo Governo do Estado do Piauí, através da Secretaria de Desenvolvimento Rural, via Projeto Viva o Semiárido (PVSA), e pela Coordenadoria da Juventude do Piauí, em parceria com o Fida, o Programa Semear Internacional, o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), do IFPI, envolvendo os projetos financiados pelo Fida na Bahia (Pro-Semiárido), Ceará (Paulo Freire), Paraíba (Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú – Procasa), Sergipe (Dom Távora) e Piauí (PVSA).

O II Encontro de Jovens Rurais do Semiárido Brasileiro teve por tema “Os novos desafios da sucessão rural para a juventude do Semiárido brasileiro” e reuniu cerca de 500 participantes, entre os quais 355 jovens, provenientes de 6 estados, e 97 integrantes de equipes de trabalho e palestrantes, oficinas/os e facilitadoras/es. Ao todo foram realizadas 14 oficinas, 3 plenárias e uma palestra ministrada pelo teólogo e escritor Leonardo Boff, que abordaram temas como questões de gênero, agroecologia, gastronomia, identidade cultural, e vários outros assuntos de interesse da juventude de comunidades rurais.

Como evidencia a memória do evento a seguir, os objetivos e expectativas dos responsáveis pela organização e patrocínio do II Encontro e dos jovens participantes foram amplamente atingidos.



O ENCONTRO



O evento, que teve por tema “Os novos desafios da sucessão rural para a juventude do semiárido brasileiro”, foi uma continuação do I Encontro de Jovens Rurais do Semiárido Brasileiro, realizado em Campina Grande, no estado da Paraíba, em 2016, reunindo mais de 200 jovens.

O objetivo desse II Encontro foi fortalecer as pautas das juventudes do campo, realizando um intercâmbio plural que proporcionasse o acesso às novas estratégias de convivência e permanência no Semiárido brasileiro, ampliando a participação juvenil no processo de construção e monitoramento das políticas públicas.

Na sessão de abertura do II Encontro, o diretor do Fida no Brasil, Claus Reiner, afirmou que eventos dessa natureza “são de extrema relevância para mobilizar a juventude, pois jovens são o presente e também o futuro. É uma oportunidade de trazer novas ideias com entusiasmo para promover a transformação rural necessária para termos mais inserções nas cadeias de valor, mais diversificação das empresas rurais e, portanto, uma nova ruralidade”.

Também presente na abertura do encontro, a vice-governadora do Piauí, Regina Sousa, destacou que “cabe aos jovens lutar para que suas necessidades sejam atendidas em suas especificidades”. Ela manifestou a esperança de que atividades do gênero, no prazo de uma década, resultarão em jovens “mais aguerridos, mais batalhadores por melhorias para si, mas, sobretudo, para seu semiárido”.

PROGRAMAÇÃO



Dia 5 de abril (sexta-feira) – IFPI

19h30 | Solenidade de abertura do evento
20h30 | Mística de boas vindas

Dia 6 de abril (sábado) – IFPI

8h30 | Mística
9h | Palestra “Os novos desafios da sucessão rural do Semiárido brasileiro” com Leonardo Boff
10h | Abertura da Mostra de Produtos das Juventudes do Semiárido
14h | 14 oficinas (simultâneas)

1. Juventude Quilombola – Sala 1
Facilitadoras/es
MARCÍLIA RODRIGUES DE SOUSA (Chitara)
ARNALDO DE LIMA (Naldinho)

2. Juventude Indígena – Sala 2
Facilitadoras/es
ELENILDA DA ANUNCIAÇÃO RIBEIRO – Indígena Tumbalalá
THALYSSON TEIXEIRA DE MATOS – Indígena Tabajara
CÍCERO EVANGELISTA DIAS – Indígena Tabajara Ypy

3. Mulheres Jovens Desconstruindo Relações Desiguais de Gênero – Sala 3

Facilitadoras

MARIA GONÇALVES – MAB

JOSINEIDE DA COSTA SOUSA – MPA

SANDRA LEAL – Fetag/PI

MARÍLIA GABRIELLY PEIXOTO DE SOUSA – Marcha Mundial das Mulheres

4. Organização da Juventude do Campo – Sala 4

Facilitadoras/es

MÔNICA BUFON AUGUSTO – Contag

MATEUS MENEZES QUEVEDO – MPA

5. Gastrotinga: alimentos da caatinga utilizados na gastronomia – Escola Estadual

Facilitadoras/es

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO MACEDO DO NASCIMENTO (Preta)

TIMÓTEO DOMINGOS MARTINS

6. Convivência com o Semiárido – Sala 6

Facilitadoras/es

TATIANE FAUSTINO DA SILVA – Centro Sabiá

RAIMUNDO DO VALE AZEVEDO – ASA Piauí/Cáritas

JOSÉ MOACIR DOS SANTOS – ASA/Irpaa

7. Agroecologia e Quintais Produtivos – Sala 7

Facilitadoras

JÚLIA AIRES – PVSA

MARIA FRANCISCA GOMES DA SILVA – Comunidade Fornos/PI

SILVIA SOUSA SILVA – Apaspi/PI

8. Meio Ambiente e Agrofloresta – Sala 8

Facilitadoras/es

MARIA JOSÉ DA SILVA – Centro Sabiá

AFONSO GILBERTO GALVÃO – MPA

9. Eu, um/a Comunicador/a Popular – Sala 9

Facilitadora
VERÔNICA PRAGANA – ASA

10. Jovens Comunicadores/as – Sala 10

Facilitadoras/es
MANUELA CAVADAS – Fotógrafa, Projeto Pró-Semiárido/BA
MAVIAEL MELO – Poeta e cantor, Projeto Pró-Semiárido/BA

11. Construção e Manipulação de Bonecos – Sala 11

Facilitador
CHAGAS VALE

12. Agitação e Propaganda como Estratégia de Organização e Resistência – Sala 12

Facilitadoras/es
FERNANDA LUZ COSTA – MPA
FRANCISCA DAS CHAGAS SILVA FRANÇA SOUSA – MPA
JEAN MARX SANTOS DOS ANJOS

13. Grafite É Arte – Sala 13

Facilitadoras/es
ERYKA BEATRIZ RODRIGUES MENEZES
JOSÉ EDUARDO ARAÚJO BORGES (Alemão)

14. Juventude e Empreendedorismo – Sala 14

Facilitador
HERNAN CHIRIBOGA – IICA

19h30 Lançamento de publicações

20h30 Noite cultural – Palco Aberto

Dia 7 de abril (domingo) – IFPI

8h30	Mística
9h	3 plenárias (simultâneas)
	<p>1. Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural: os novos rumos da Política Pública de Juventude do Campo – Local: Ginásio do IFPI</p> <p>Palestrantes LUIZA DULCI FRANCISCO MENDES COELHO (Juninho) PRISCILLA GOMES DE ARAÚJO Mediador Messias Muniz de Nassau Neto</p> <p>2. Quebrando Paradigmas: juventude, relações de gênero e diversidade sexual – Local: Pátio do IFPI</p> <p>Palestrantes MARÍLIA GABRIELLY PEIXOTO DE SOUSA – Marcha Mundial das Mulheres MAZÉ MORAIS – Secretária Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais Agricultoras Familiares da Contag CÉLIO DA SILVA – Projeto Dom Távora/Associação de Pescadores Mediadora Joseli do Nascimento Cordeiro – Mobilizadora Projeto Paulo Freire</p> <p>3. Economia Solidária e Desenvolvimento Sustentável: alternativas de trabalho para a juventude rural – Local: Auditório do IFPI</p> <p>Palestrantes ROBERTO MARINHO ALVES DA SILVA – UFRN MARILENE ROSALINA DOS SANTOS – Fórum Ecosol MARIA SUELI RODRIGUES DE SOUSA – UFPI VALDILÉIA DE MOURA (LÉIA) – Comunidade Boca da Vereda/PVSA Mediadora Maria Claudina dos Santos Oliveira</p>
14h	Apresentação dos resultados das oficinas e plenárias
15h30	Plenária final: leitura e aprovação da Carta das Juventudes do Semiárido
21h	Noite cultural

EIXOS TEMÁTICOS



O tema do encontro foi desenvolvido em torno de seis eixos temáticos que norteariam o debate das mesas ao longo de todo o encontro, visando a favorecer o diálogo entre a juventude trabalhadora, as/os jovens sem ocupação e a sociedade civil organizada. Foram definidos os seguintes eixos temáticos:

- • • Economia Solidária e Desenvolvimento Sustentável: alternativas de trabalho para a juventude rural;
- • • O Semiárido Brasileiro: conservação e convivência com meio ambiente na perspectiva agroecológica;
- • • O Movimento Cultural e as Novas Tecnologias: educomunicação contextualizada;
- • • Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural: os novos rumos da Política Pública de Juventude do Campo;
- • • Quebrando Paradigmas: juventude, relações de gênero e diversidade sexual;
- • • Identidade Cultural: povos e comunidades tradicionais.



PERFIL DAS E DOS PARTICIPANTES

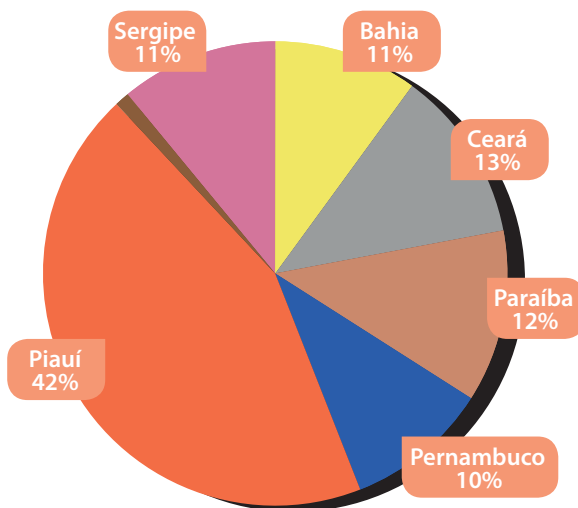


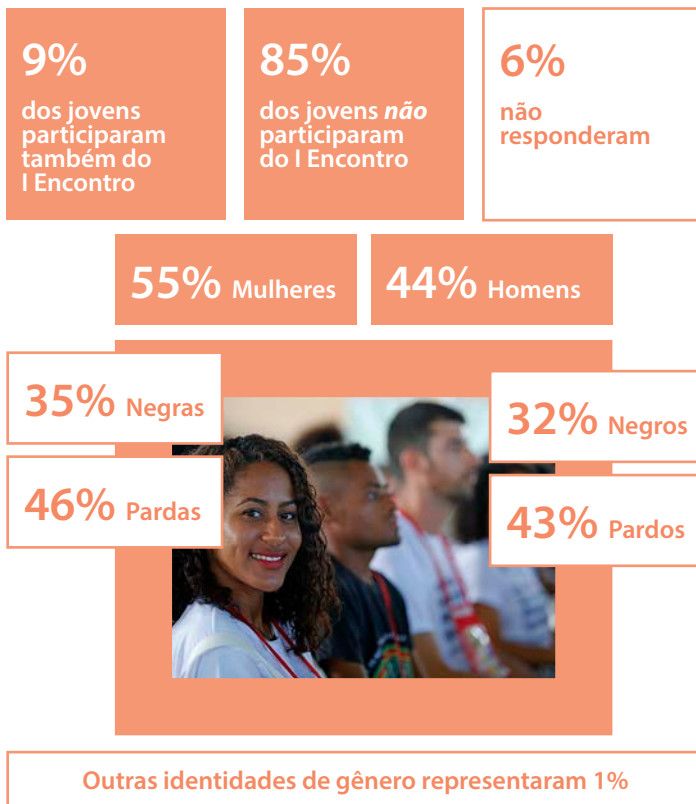
A seleção das e dos participantes do Encontro foi realizada atendendo a critérios de equidade entre os projetos, estados do Nordeste e ações voltadas para as juventudes do Semiárido. Foram escolhidos “focais” em cada estado, isto é, pessoas responsáveis pela divulgação, cadastro e acompanhamento das inscrições. As inscrições foram realizadas utilizando formulário na internet para que houvesse mais agilidade e confiabilidade nos dados. A participação ficou assim:

Números do encontro

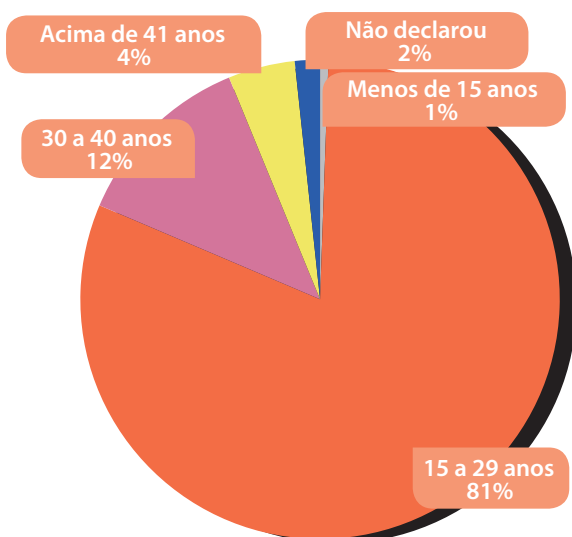


POR ESTADO





POR IDADE

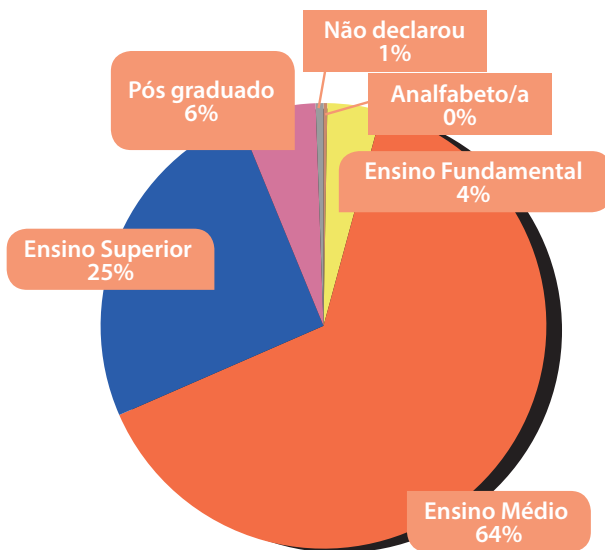


Olhando agora apenas para as/os jovens participantes:

A idade das/os participantes atendeu à faixa etária definida como prioritária. Jovens entre 15 e 29 anos eram 81%, entre 30 e 40 anos 12% e acima dos 40 anos apenas 4%.

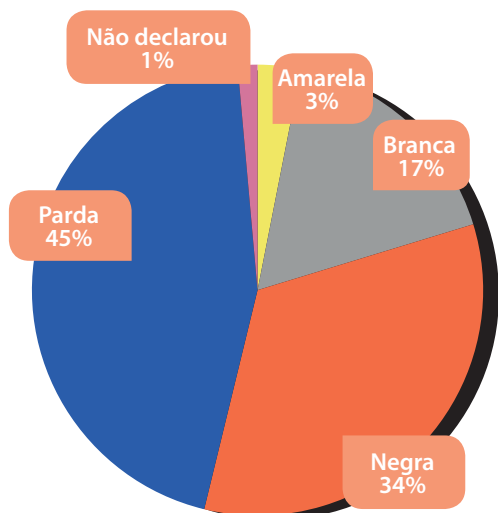
A maioria das/os participantes concluiu ou está cursando o Ensino Médio (64%), dos quais 41% são homens e 59% são mulheres. Daqueles/as que possuem curso superior, 59% são homens e 41% são mulheres. Dos homens, 9% possuem pós-graduação, contra 3% das mulheres.

POR ESCOLARIDADE

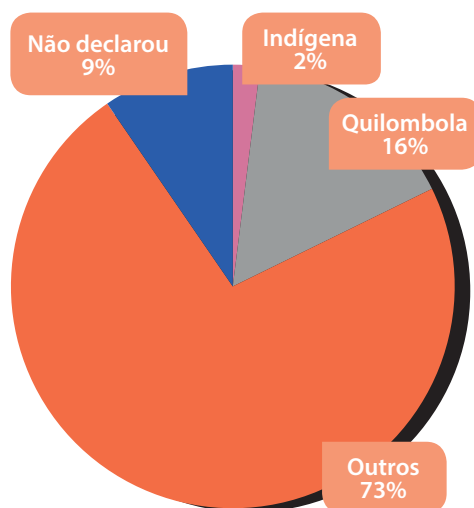


A maioria dos participantes se declarou pertencente à raça parda (45%). Porém, destaca-se a participação daqueles/as que se declararam negras/os (34%). Quanto à etnia, 16% declararam ser quilombolas e 2% indígenas.

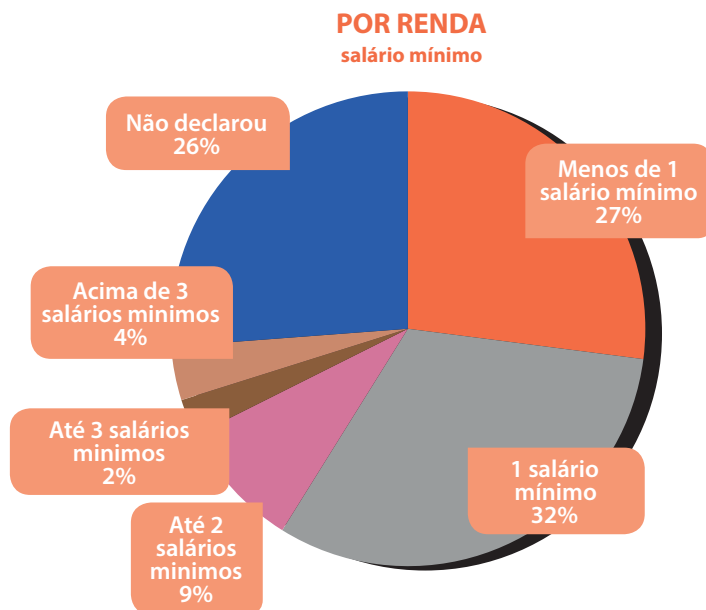
POR RAÇA



POR ETNIA



A maioria das/os participantes possui renda entre menos de 1 salário mínimo (27%) e 1 salário mínimo (32%). É importante observar que 26% dos participantes não declararam a renda que recebem. Quando olhamos apenas para as mulheres negras, 33% delas ganham menos de 1 salário mínimo. Já entre os homens negros, 23% ganham menos de 1 salário mínimo.

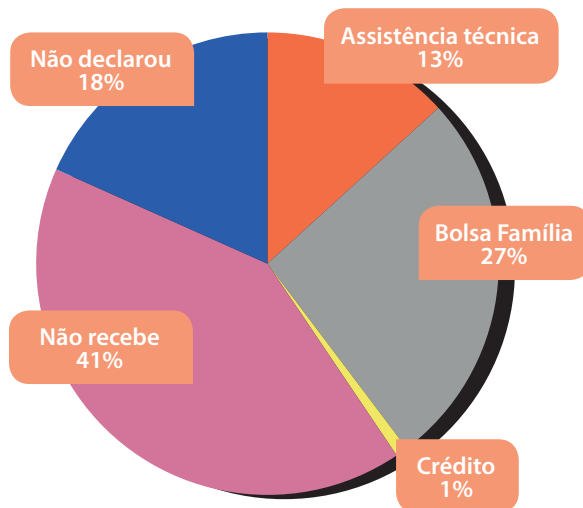


Quando perguntamos se exerciam ou não atividade econômica: 44% das/os participantes disseram que *não*, contra 49% que exercem alguma atividade de geração de renda.



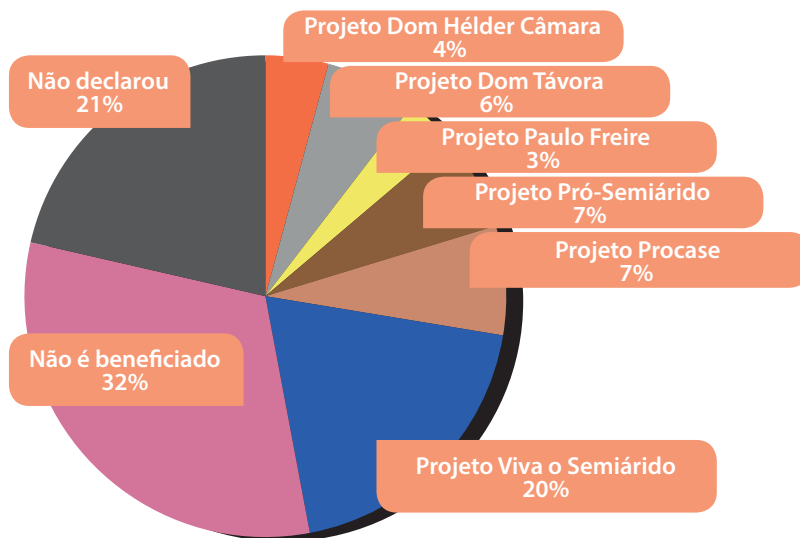
Das/os participantes, 27% recebem Bolsa Família, 13% são atendidos pela Assistência Técnica e apenas 1% tem acesso ao crédito rural. A maioria das/os participantes (41%) não recebe qualquer benefício do governo. Elas/es estão no grupo que exerce alguma atividade econômica.

RECEBE BENEFÍCIO DO GOVERNO



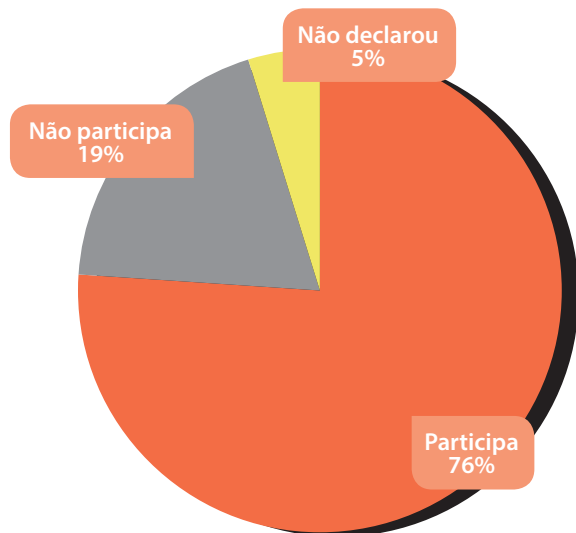
A participação por projeto apoiado pelo Fida mostra que o PVSA do Piauí ocupou 20% das vagas. As/os participantes que declararam não ser beneficiadas/os por nenhum projeto apoiado pelo Fida somam 32%.

BENEFICIÁRIO

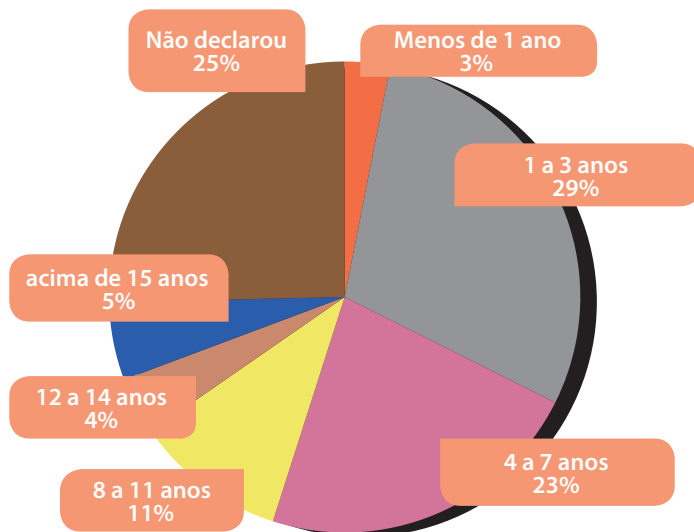


A maioria das/os participantes declarou ser engajada em algum movimento ou organização social (76%). Não participam de nenhum movimento ou organização 19%. Das/os jovens que participam de movimentos ou organizações sociais, 29% são engajadas/os há mais de 3 anos, e 23% há mais de 7 anos. Os que declararam participar há mais de 15 anos somam 5%.

PARTICIPA DE MOV. OU ORG.



QUANTO TEMPO PARTICIPA



Das/os participantes, 24% têm filhos. Destes, 64% são mulheres e 36% são homens.

POSSUI FILHOS?



PERFIL: As/os jovens que participaram do II Encontro de Jovens Rurais do Semiárido possuem entre 15 e 29 anos, são mulheres negras, com ensino médio, que ganham até 1 salário mínimo e possuem experiência de participação nos movimentos e organizações sociais.





PALESTRA DE ABERTURA



06/04/2019 – 9h

Tema: Os novos desafios da sucessão rural do Semiárido brasileiro

Palestrante: Leonardo Boff – teólogo, escritor e professor

Leonardo Boff elaborou sua exposição em torno de dois eixos:

1) a *Carta da Terra* – uma declaração de princípios para o século XXI elaborada por uma equipe internacional sob o patrocínio da Organização das Nações Unidas (ONU), coordenada por Maurice Strong (ex-subsecretário geral da ONU) e por Mikhail Gorbachev (último presidente da União Soviética), da qual participou o próprio Boff;

2) a Encíclica do Papa Francisco, *Laudato Si': Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum*.

Boff iniciou sua exposição enfatizando a importância da juventude, citando outras manifestações do Papa e argumentando que a situação mundial é de tal gravidade que “não podemos esperar nada da geração de hoje, mas tudo da juventude”. Com veemência afirmou: “jovens não deixem que outros arrebatam o vosso protagonismo porque o futuro da Terra passa por vocês”.

“Temos hoje mais problemas que soluções, mais desafios a enfrentar que maneiras de responder”, disse Boff. “Por isso”, prosseguiu, “a situação é grave”. Para ele, o sistema que criou a crise não pode ser o mesmo que dará uma solução. Dirigindo-se às/ aos jovens, o palestrante afirmou: “o Papa disse: ‘não esperem nada de cima’. Vocês têm que ser revolucionários”. Segundo o palestrante, “não temos alternativa. Temos que refundar, que reinventar a humanidade. Do contrário vamos engrossar o cortejo dos que marcham na direção de sua própria sepultura, em direção do abismo”.

“você que são jovens estão se articulando, produzindo, descobrindo tecnologias sociais para melhorar a produção respeitando a natureza, permitindo que ela, com a nossa ajuda, com a nossa tecnologia, possa nos dar tudo aquilo que precisamos – não só a nós os seres humanos, mas todos os seres vivos. Produzir mais para todos e para as próximas gerações”.

A *Carta da Terra*, que, lembrou Boff, pretendeu analisar o que fazer para garantir o futuro da civilização, começa com a frase: “Temos que fazer uma escolha: ou cuidar um dos outros e cuidar da Terra ou assistir à nossa destruição e à destruição da comunidade de vida”. Na opinião do palestrante, para dar uma resposta adequada, é preciso dar um “salto quântico”, acumular energia e dar um salto na direção de um mundo melhor que o que herdamos.

Voltando a se dirigir às/aos presentes, Boff disse: “vocês que são jovens estão se articulando, produzindo, descobrindo tecnologias sociais para melhorar a produção respeitando a natureza, permitindo que ela, com a nossa ajuda, com a nossa tecnologia, possa nos dar tudo aquilo que precisamos – não só a nós os seres humanos, mas todos os seres vivos. Produzir mais para todos e para as próximas gerações”.

Boff advertiu as/os jovens contra duas ilusões: a de que os recursos – “as bondades da natureza, como dizem os indígenas – são



infinitos e a de que podemos nos desenvolver infinitamente. E hoje todas as crises mostram que a terra é um planeta pequeno, velho e com bens e serviços limitados, muitos deles não renováveis. Não podemos seguir assim, porque uma terra limitada não aguenta um projeto ilimitado. Por isso é preciso cuidar da casa comum”.

Voltando a falar diretamente às/aos jovens presentes, Boff disse: “vocês que vivem no Semiárido sabem como se desenvolveram as tecnologias sociais, souberam não só tratar o Semiárido, mas conviver com o Semiárido, que é um bioma riquíssimo”.

Em tom pedagógico, o palestrante afirmou que “hoje, a ponta da discussão ecológica é trabalhar no território aquilo que chamamos de biorregionalismo. Antes você tinha a tecnologia aplicada ao mundo inteiro, mas não pode ser a mesma tecnologia – esta é a fórmula da dominação”. A isso ele vinculou o que criticamente chamou de “negócio das sementes e da água”.

A tendência hoje, prosseguiu, é fazer um desenvolvimento adequado a cada região, não só em termos físicos, mas entendida também como região cultural. Para isso, ele defendeu a organização de pequenas cooperativas ecológicas que respeitam os ritmos da natureza. “Isso traz autonomia àquela região, com tudo aquilo que faz uma grande unidade na região, um desenvolvimento adequado àquele povo que está aí”, argumentou.

Boff concluiu com tom motivador ao reproduzir o raciocínio com o qual o Papa Francisco encerra sua Encíclica: “Irmãos e irmãs, demo-nos as mãos e caminhemos juntos. Que as dificuldades e problemas que temos com a nossa Mãe Terra não nos tire a alegria da esperança”. Dirigindo-se novamente às/aos jovens presentes, o palestrante disse: “Eu vi em vocês a alegria da esperança. Vocês têm que transformar essa alegria numa verdadeira revolução na qual vocês são os novos protagonistas. O futuro do mundo está nos jovens, futuro que deve ser para toda a humanidade”.



PLENÁRIAS



Plenária 1 – Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural: os novos rumos da Política Pública de Juventude do Campo

07/04/2019 – 9h

Palestrantes

Luiza Dulci

Francisco Mendes Coelho (Juninho)

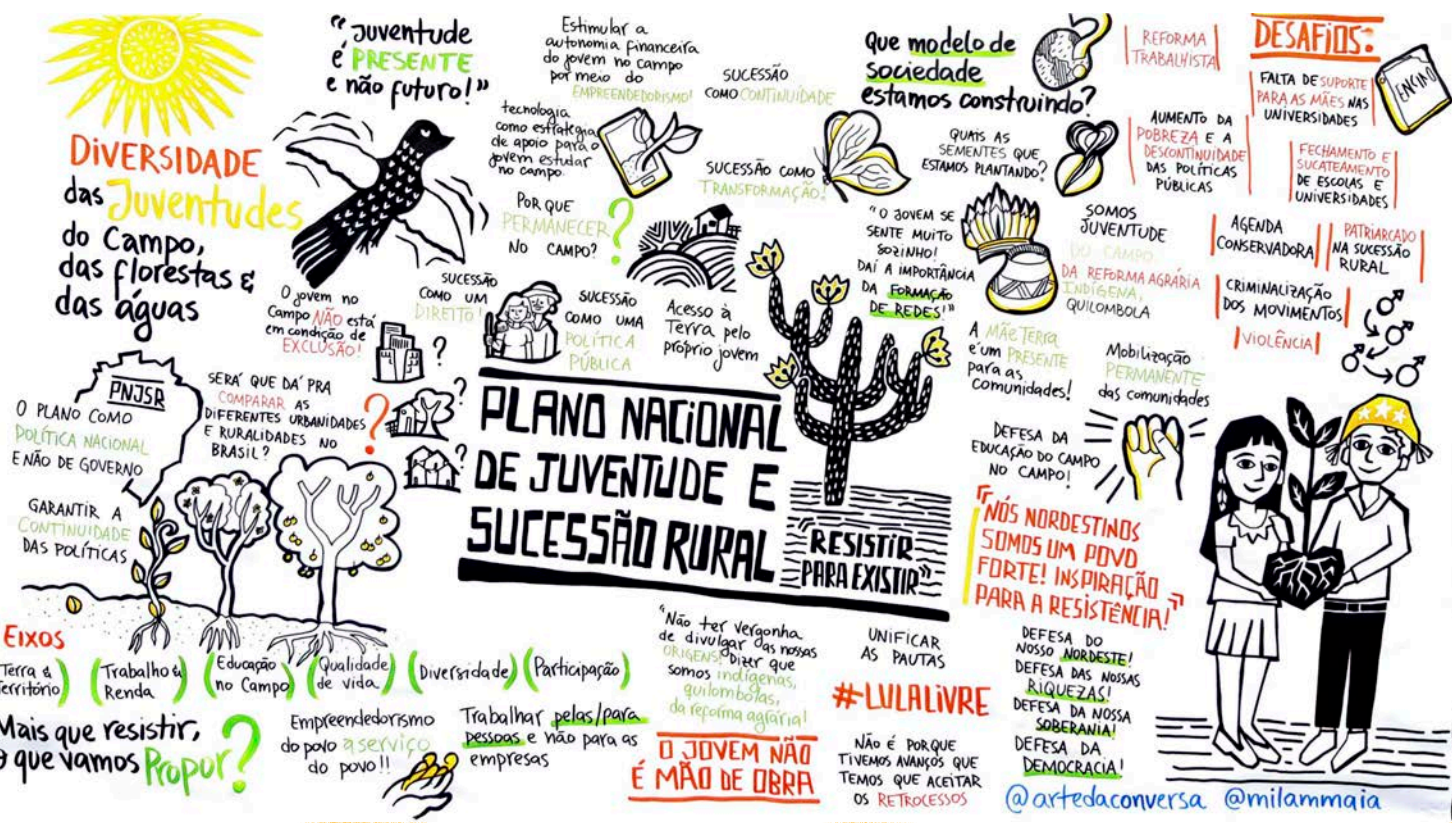
Priscilla Gomes de Araújo

Mediador

Messias Muniz de Nassau Neto

Tema proposto

Em um contexto de ameaças a direitos conquistados, as juventudes reafirmam a importância e a defesa do Plano Nacional de Juventude e Sucesso Rural, resultado de tantas lutas para que o Estado construísse políticas públicas específicas para jovens do meio rural brasileiro. Serão debatidos ainda as perspectivas, desafios e estratégias de resistência das juventudes do Semiárido para o próximo período.



A primeira plenária teve por objetivo prosseguir o debate sobre o Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural, lançado por meio do Decreto nº 8.736, assinado em 3 de maio de 2016 pela Presidenta Dilma Rousseff, que acolheu contribuições da 3ª Conferência Nacional de Juventude e do I Encontro de Jovens Rurais do Semiárido, ocorrido em Campina Grande (PB) em janeiro de 2016.

A primeira panelista, Luiza Dulci, participou da elaboração do Plano quando atuava como assessora do Ministério do Desenvolvimento Agrário.



Dulci iniciou sua exposição lembrando as modificações ocorridas desde então no arcabouço institucional e nas políticas agrárias brasileiras. “O Ministério do Desenvolvimento Agrário, que coordenou a elaboração do Plano, foi extinto em 12 de maio daquele ano. De lá para cá, só vimos retrocessos no que diz respeito à questão agrária no país”, afirmou ela.

A expositora prosseguiu comentando o aumento da violência e dos assassinatos no campo, e temas relacionados à juventude rural – assim como o fato de as mulheres e os povos e comunidades tradicionais (PCTs) terem se tornado ausentes – “não é exagero dizer: por completo” – da agenda governamental desde então. Ela ressaltou, entretanto, que, apesar disso, entende que o lançamento do Plano de Juventude e Sucessão Rural foi uma conquista importante das juventudes do campo, das florestas e das águas de todo o país. Não apenas por ter sido,

desde o início, elaborado de forma participativa e conjunta entre governo federal e os movimentos de juventude rural, mas sobretudo porque colocou definitivamente o tema na agenda pública. “O Plano Nacional gerou sementes; dentre elas o Plano Estadual de Juventude e Sucessão Rural de Minas Gerais, lançado em dezembro de 2018, e o Projeto de Lei nº 9.263/2017, que visa instituir o plano e a Política Nacional de Juventude e Sucessão Rural”, observou Dulci.

A permanência das juventudes no campo deixou de ser vista como uma questão de escolha pessoal de cada jovem rural, conforme Dulci. Para ela, “o Plano, portanto, expressa o reconhecimento do Estado de que este tem um papel a cumprir e deve ofertar as condições para que jovens, mulheres e homens possam permanecer no campo com dignidade e oportunidades”. Isso significa, acrescentou, que “está em jogo a continuidade

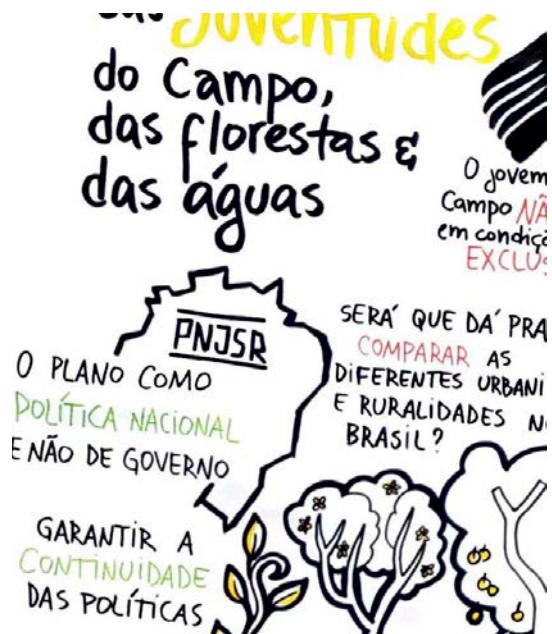


de de um modo de vida particular, com tradições, culturas e formas de produzir, ao mesmo tempo em que se destaca o papel das juventudes na transformação dos espaços rurais”.

Ao abordar especificamente a questão da sucessão rural e da juventude, Dulci afirmou que “ao invés de conflituoso, o par continuidade e descontinuidade expressa a combinação dos desafios relativos à sucessão, cujos impactos, diga-se de passagem, afetam não apenas as/os jovens em si, mas toda a população brasileira”. Isso decorre do fato de que “estamos tratando dos direitos de quem vive no campo, mas também porque o êxodo rural da juventude compromete nossa soberania e segurança alimentar, reforça o inchaço das cidades e coloca em xeque nosso próprio modelo de desenvolvimento”.

Dulci lembrou que, historicamente, ao pensar a construção das políticas públicas nos movimentos sociais, havia a tendência de encarar os jovens segundo uma de duas visões: 1) o jovem que traz problemas, cuja opinião nunca é levada em conta; ou 2) visão romântica da juventude, como um jovem revolucionário que não condiz com a realidade da juventude. Esse enquadramento, destacou ela, mudou ao longo de um processo de reconhecimento e consolidação da juventude como categoria política no mundo e no Brasil. São marcos desse processo:

- 1985: Ano Internacional da Juventude (ONU)
- 1988: CF/88 → Estatuto da Criança e do Adolescente
- 2005: Secretaria Nacional de Juventude, Conjuve e Projovem
- 2010: Aprovação da Ementa Constitucional nº 65 – inseriu o termo “jovem” na CF
- 2013: Sancionado o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852) – primeira lei a reconhecer a livre orientação sexual
- 2016: Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural (Decreto nº 8.736)



O processo mencionado ocorreu paralelamente à aprovação de um conjunto de leis e políticas públicas de desenvolvimento rural exibidos por Dulci:

- 2006: Lei nº 11.326: Lei da Agricultura Familiar
- 2007: Decreto nº 6.040: reconhecimento dos PCTs
- 2010: Lei nº 12.188: Lei de Ater (Pnater, Pronater, Política e Programa)
- 2010: Decreto nº 7.352: reconhecimento da Educação do Campo
- 2012: Pnapo e Planapo: agroecologia

Segundo a expositora, há no Brasil uma nova ruralidade e o campo em transformação. Nesse contexto, “Quem são as juventudes do campo, das florestas e das águas hoje?”, indagou antes de apresentar os seguintes dados:

- 8 milhões de jovens rurais (IBGE, 2010);
- 51 milhões de jovens no Brasil;
- 20 milhões de jovens (nova ruralidade).



Outras características e questões apontadas por Dulci foram:

- diversidade de condições; multifuncionalidade; pluralidade de trabalho e de novas formas de geração de renda; novas tecnologias; e muitos sonhos;
- relação campo/cidade;
- mecanização, extinção de postos de trabalho e novas exigências;
- financeirização da produção e da terra;
- concentração da terra e das riquezas.

Nesse contexto, Dulci retomou a questão da sucessão rural, indagando dos motivos para permanecer no campo, considerando os seguintes fatores:

- sucessão como necessidade social:
 - modelo de desenvolvimento;
 - soberania alimentar, energética e hídrica;
 - sociobiodiversidade;
 - saúde → agrotóxicos;
 - impactos do êxodo sobre a dinâmica demográfica e os centros urbanos;
- sucessão como direito → “campo com gente feliz”:
 - direito de ter acesso a bens e serviços públicos;
 - direito de viver a juventude;
- sucessão como política pública: o Estado tem um papel a cumprir na sucessão;
- sucessão como continuidade;
- sucessão como descontinuidade/ transformação.



“Juventude é presente e não futuro”, afirmou enfaticamente Dulci, detalhando os seguintes aspectos relacionados ao Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural (Decreto nº 8.736/2016):

- vigência de 4 anos: acompanha o PPA 2016-2019;
- a agricultura familiar, a reforma agrária e os PTCs;
- 8 ministérios e dois conselhos nacionais;
- construção e elaboração participativa.

Conforme a expositora, o Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural foi elaborado e estruturado em cinco eixos:

- acesso à terra;
- trabalho e renda;
- educação do campo;
- qualidade de vida; e
- participação, comunicação e democracia.



O Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural, de acordo com Dulci, gerou “sementes”, exemplificando com o caso de Minas Gerais e seu Plano Estadual e Juventude e Sucessão Rural (2018).

Ela concluiu sua exposição apresentando o que entende como “perspectivas e desafios” em relação ao tema abordado:

- o que mudou de maio/2016 para cá?;
- agenda de lutas das juventudes e agenda de lutas dos povos do campo, das florestas e das águas;
- sucessão rural para que e para quem?;
- como resistir e elaborar/ viabilizar um novo projeto de sociedade?;
- o que trouxemos para trocar e o que aprendemos no II Encontro de Jovens Rurais do Semiárido?;
- jovens em rede: o local e o global na nossa vida e na nossa agenda de lutas.

Francisco Mendes Coelho (Juninho) foi o segundo expositor da Plenária 1. Membro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), ele fez uma intervenção contundente.

“A Terra, nossa Mãe Terra, tem muita importância para os movimentos do campo”, afirmou Juninho, que disse ser necessário defender o território, pois as terras têm que estar a serviço dos povos. Ele relatou que participou da Oficina de Gastrotinga, na qual pôde perceber a riqueza do nosso Semiárido.

Em relação ao papel das/os jovens, Juninho afirmou que “discutir as políticas públicas é discutir a permanência da juventude nos espaços”. Ecoando as falas de Boff, da vice-governadora do Piauí e de Dulci, ele repetiu “nós somos o presente, não somos o futuro”. Em seguida, disse ser necessária a defesa da educação no





“Não ter vergonha
de divulgar as nossas
ORIGENS! Dizer que
somos indígenas,
quilombolas,
da reforma agrária!”

campo (ensino público), “pois as escolas estão sendo fechadas, por meio do sucateamento das políticas”.

Ao se dirigir diretamente às/aos jovens presentes, Juninho disse enfaticamente: “somos nós que ajudamos nosso país. Precisamos fortalecer os espaços de mobilização e participação da juventude”. Na sua avaliação, em 2019 “vivemos um momento muito acirrado”. Nesse contexto, segundo ele, “não podemos ter medo de dizer que somos sem-terra, indígenas, porque o nosso território está em disputa. Precisamos garantir que o nosso território seja nosso”.

Em relação ao Semiárido, Juninho defendeu a necessidade de divulgar a região e políticas de convivência com seu bioma, além das ações importantes que levam à

sustentabilidade. “Precisamos divulgar o que acontece nas nossas comunidades, utilizando a nossa comunicação de forma criativa”, argumentou.

“Esse encontro não pode morrer!”, enfatizou Juninho, acrescentando ser necessário discutir onde será o próximo encontro, “porque este momento é importante para discutir as políticas públicas”. Como exemplo, citou o Projeto Paulo Freire, que “está com um projeto fantástico, que envolve as comunidades tradicionais, os quilombolas”. Para ele, “é preciso que essas experiências sejam expandidas para outros estados do Nordeste”.

Concluindo, Juninho afirmou: “precisamos manter a defesa da democracia, defender a nossa soberania”



Priscilla Gomes Araújo complementa a fala de Francisco acrescentando que as medidas legais que permitiriam criar um marco regulatório para a juventude rural foram descontinuadas, como o Plano Nacional da Juventude e o Estatuto da Juventude. Houve um chamamento do Governo Federal para discutir o Plano, mas não havia interesse numa articulação real e sim em servir de marketing para o governo prestar contas sobre estar empenhado na questão da juventude, sendo que existe imposição e não articulação. Os estados e municípios devem se responsabilizar pela criação de políticas e espaços para a juventude. A questão da juventude deve ser uma política de Estado e não de Governos. É importante a aprovação do Plano Nacional da Juventude, que deve servir de norte para padronizar os planos estaduais e municipais. O Plano garante 11 eixos do Estatuto da Juventude e precisa ser atualizado sob a perspectiva deste. Por isso,

é preciso fortalecer e garantir os direitos dos jovens, buscar o seu empoderamento e emancipação, pois jovem emancipado é autônomo. E para efetivação das Políticas Públicas é necessário criar um fundo nacional de juventude.

Para finalizar, Vicente Gomes afirma que o segredo do sucesso das Políticas Públicas é a continuidade. O Plano Estadual de Juventude do Piauí completa 10 anos agora em 2019 e passará por uma revisão. Em 2009 não havia redes sociais digitais, hoje é mais fácil articular o/a jovem. O novo Plano trará mudanças, como: educação técnica e ensino superior em todos os municípios do estado. 70% dos alunos de escola pública no Piauí são aprovados no ensino superior. As Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) serão incluídas na revisão do Plano Estadual, pois a escola deve ser formada por quem vive na comunidade, na região, respeitando as especificidades de cada realidade social.



Plenária 2 – Quebrando Paradigmas: juventude, relações de gênero e diversidade sexual

07/04/2019 – 9h

Palestrantes

Marília Gabrielly Peixoto de Souza – Marcha Mundial das Mulheres

Mazé Moraes – Secretaria Nacional da Mulher da Contag

Célio da Silva – Projeto Dom Távora/Associação de Pescadores; Secretário da LGBT do Baixo São Francisco, entidade vinculada à Associação Sergipana de Transgêneros (Astra)

Mediadora

Joseli do Nascimento Cordeiro – agricultora beneficiária do Projeto Paulo Freire

Tema proposto

A plenária trará um olhar sobre a diversidade de sujeitos que vivem e constroem o Semiárido, trazendo experiências de luta e resistência das mulheres trabalhadoras rurais; mostrando a luta feminista para a transformação da lógica do patriarcado e das/os transexuais por respeito à diversidade sexual, na busca por uma vida com dignidade. O enfrentamento às diferentes formas de violência é necessário para termos uma sociedade de fato justa, inclusiva e com liberdade.

da família. Como a mulher está relegada ao espaço privado, acaba ficando responsável pelo trabalho doméstico”.

“Hoje temos uma vida com mais liberdade do que nossas avós e nossas mães: trabalhamos, estudamos, fazemos universidade, há mulheres ocupando cargos políticos. Conseguimos evoluir em muita coisa, mas ainda não conseguimos dividir o trabalho doméstico. Às vezes fazemos um discurso sobre liberdade, igualdade, justiça social, mas sem pensar na divisão justa do trabalho doméstico”.

Gabrielly concluiu afirmando que é preciso avançar muito nas questões mencionadas no tema da plenária. “Às vezes encontramos homens na esquerda com um discurso muito revolucionário, muito legal, mas chega em casa e não lava uma cueca. As mães e as mulheres fazem todo esse serviço. Com isso, ela acu-



mula muitas horas de trabalho não remunerado, não tem tempo para pensar em si, não tem tempo para si. O acúmulo de tarefas das mulheres ao longo do dia é muito grande. Como é que eu vou pra reunião do sindicato se não tenho com quem deixar as crianças?”





Em síntese, a painelistas alertou: “o primeiro desafio que encontramos para ocupar os espaços públicos é justamente o trabalho doméstico. Fica essa reflexão para a gente”.

Mazé, da Secretaria de Mulheres da Contag, foi a segunda expositora dessa Plenária.

Ao abordar o tema, disse que queria começar falando um pouco sobre a diversidade: “somos diversos. Cada um aqui é diferente. Temos as nossas culturas, religiões etc. Creio que aqui não existe ninguém exatamente igual. Por mais que tenhamos semelhanças, não tem uma pessoa que seja exatamente igual”.

“Nossas experiências, nossas trocas”, prosseguiu Mazé, “isso é importante, porque faz com que a gente cresça cada vez



mais. Mas falar da diversidade...” Em seguida, no mesmo tom de diálogo de sua antecessora, perguntou: “o que quer dizer diversidade sexual?”, respondendo em seguida: “quer dizer que somos diversos”.

Segundo a palestrante, a sexualidade “está ligada a tudo: como somos capazes de sentir, de nos expressar; é a energia que nos motiva a achar o amor, a maneira como nos sentimos atraídos e atraídas, como a pessoa se aceitar etc.”

Mazé prosseguiu em tom reflexivo: “todas as pessoas deveriam ter o direito de se expressar, de ser livres, mas infelizmente todos ainda têm essa dificuldade em fazer isso, porque a sociedade não permite. Somos ensinadas a ficar caladas, a não falar alto, somos sempre ensinadas a ficar nessa linha. É como se não coubesse a nós falar sobre a sexualidade, como se fosse uma coisa do outro mundo. Vejo em depoimentos que muitas têm vergonha até de ir a ginecologista, ainda é muito forte isso”.

“Eu, Mazé Moraes, nasci com o sexo feminino e o gênero feminino, mas é possível haver quem nasça com o sexo feminino e se identifique com o gênero masculino”, exemplificou ao explicar a

diferença entre gênero e orientação sexual. “Todas as pessoas, além do gênero, têm uma opção sexual. Tem gente que é heterossexual e que é homossexual”. Ela observou que há diversas orientações sexuais e que a sociedade às vezes não aceita algo que seja diferente. “Tudo isso tem a ver com a forma como a gente é educada”, explicou. No movimento sindical, segundo disse, “temos uma escola de formação... temos um programa do Jovem Saber que é específico sobre a educação sexual”. Esse processo de formação, observou, é importante na base.

Mazé destacou que para a/o jovem da zona rural é muito difícil lidar com a sexualidade, porque “não tem com quem conversar, não tem uma família compreensiva”. Isso, comentou, faz com que muitos adoçam. “Além da vergonha, tem o medo de ser excluída/o, de ser discriminada/o nos espaços”, prosseguiu ela, para finalizar dizendo: “precisamos trazer essa discussão”.



“sou o primeiro trans no Sergipe representando o feminino e o masculino em uma classe”



O último panelista da Plenária 2 foi Célio da Silva, do Projeto Dom Távora/ Associação de Pescadores, para quem “o que identifica a pessoa é a mente e sua capacidade”. Ele relatou que há 180 pessoas na associação que ele preside, 80 das quais são mulheres. “Se a família der apoio à gente, a gente tem aquela força

para lutar por espaço na sociedade”, afirmou citando sua própria experiência: “Hoje eu trabalho, estou quase me formando em Técnico de Saúde Bucal. Há dificuldade em achar emprego, porque o mercado não quer dar emprego a um travesti, a uma lésbica que se veste de maneira ‘masculina’”.

“O apoio que a gente tem como homem ou como mulher: questão de gênero é uma coisa que a gente briga todos os dias”, advertiu, acrescentando que “todos os dias a gente enfrenta uma realidade violenta”. Prosseguindo com o relato, Célio apontou que “outro ponto é que você tem que procurar se aceitar”. “Se você não se aceitar, quem vai aceitar você? Sabemos que temos direitos, leis... muitas mulheres hoje apanham, mas muitas não querem deixar o parceiro por medo: ‘eu não deixo meu marido hoje, porque amanhã ele pode me matar’”. Voltando à sua história de vida para exemplificar, ele per-

guntou: “No meu caso, onde eu me encaixo?”. O questionamento é decorrente do fato de que “dizem que não sou homem nem mulher”.

Segundo Célio, as/os jovens têm medo de se assumir. “Você aceita o vizinho, mas não aceita seu irmão?”, indagou. Ele lembrou que conhece gente que era sua/seu amiga/o, mas expulsou a filha de casa quando ela se assumiu lésbica. Sua fala terminou com uma afirmação de sua própria opção e determinação: “sou o primeiro trans no Sergipe representando o feminino e o masculino em uma classe”.



Plenária 3 – Economia Solidária e Desenvolvimento Sustentável: alternativas de trabalho para a juventude rural

07/04/2019 – 9h

Palestrantes

Roberto Marinho Alves da Silva – UFRN

Marilene Rosalina dos Santos – Fórum Ecosol

Maria Sueli Rodrigues de Sousa– UFPI

Valdiléia de Moura (Léia) – Comunidade Boca da Vereda/PVSA

Mediadora

Maria Claudina dos Santos Oliveira – Obra Kolping; Rede de Educadores Ecosol/PI; Rede Piauiense de Bancos Comunitários de Desenvolvimento Social/PI, Fórum Ecosol/PI

Tema proposto

Na busca por fortalecer o trabalho e a organização produtiva das juventudes rurais, serão apresentadas reflexões a partir da perspectiva da economia solidária para o desenvolvimento sustentável. A intenção é apresentar alternativas concretas para que as/os jovens possam viver com qualidade de vida no meio rural, contribuindo para a renda, a produção, o bemviver e a convivência com o Semiárido.



O primeiro palestrante foi o Professor Roberto Marinho da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que abordou o tema buscando responder “se a economia solidária e suas iniciativas contribuem para fortalecer a convivência com o Semiárido e favorecer a permanência da juventude lá”.

Para o palestrante, “a juventude do Semiárido tem diversidade: homens, mulheres, PCT”, tendo lutado e tentado pôr em prática seus sonhos e seus projetos. “No Semiárido, as histórias e as heranças malditas são mais fortes. Impera a reprodução da pobreza”, afirmou, para acres-



centar que “há expansões do capital, mas especialmente omissões com a não realização da reforma agrária”. No seu entender, o Semiárido é marcado pelas ausências, “e isso mexe com a juventude”, pois a ausência leva à negação e à identidade negativa do rural. “A juventude rural é negada”, enfatizou.

“O Semiárido brasileiro é um espaço de resistência. Só avançamos no Semiárido quando ele se tornou um sujeito político”, prosseguiu o professor, ressaltando que o isolamento não leva a lugar nenhum. Há experiências que mostram associações e cooperativas populares que projetam as pessoas e constroem opções à economia clássica. Para ele, é preciso ser criativa/o para sobreviver num contexto absurdamente desfavorável: “apoiar as lutas indígenas, quilombolas etc.; somar com redes políticas; construir outra sociedade a partir de nossas práticas e experiências; aliar com governos estaduais e municipais; aliar com a cooperação internacional”.

Marilene Rosalina dos Santos, do Fórum Rede de Educadores de Economia Solidária do Piauí (Ecosol/PI), fez a segunda exposição na Plenária 3. Ela, que reside na comunidade quilombola Tapuio, no município piauiense de Queimada Nova, explicou que foi ao II Encontro para contar as experiências em economia solidária da comunidade, onde a prática da convivência e da partilha já existia no tempo de seus avós.

“A associação não é só para projetos e receber dinheiro”, esclareceu a educadora quilombola. Ela contou que a entidade criada pelas/os jovens passou a promover ações de formação que incluíam cursos de pintura em *batik*, confecção de sabonete de aroeira e beneficiamento do umbu. Contou que a pintura

AUSÊNCIA E NEGAÇÃO
DO POVO DO CAMPO
E SEU MODO DE VIDA

SEMI
ÁRIDO

ESPAÇO HISTÓRICO
DE RESISTÊNCIA
APRENDIZADOS
E CONVIVÊNCIA !

Precisamos **ROMPER** com
o **Modelo de Desenvolvimento**
IMPOSTO!!!



em *batik* não prosperou, mas as demais são mantidas até hoje. Na confecção do sabonete de aroeira, mulheres e jovens estão em todas as etapas do processo.

Marilene conta que inicialmente o grupo não sabia que o que fazia se chamava “economia solidária”. Mas estavam convencidos de que era preciso ficar, persistir e resistir. “É preciso ficar no lugar, o lugar favorece nossa convivência e o tempo doado é mais importante que dinheiro”, explicou, transmitindo às/aos presentes o que as/os jovens de Tapuio aprenderam: “um abraço e uma palavra são coisas que o dinheiro não paga. Nós é que temos de construir e contar nossas próprias histórias”.

Maria Sueli Rodrigues de Sousa, doutora em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília (UnB) e professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI), foi a terceira expositora da plenária.

A partir de seu diagnóstico, ela entende que “aprendemos desde cedo que o semiárido é o lugar do que não presta. As/os jovens precisam identificar pertencimentos naturais”. A razão é simples: “eu não precisava ter saído da minha comunidade para ser gente. Eu já era gente lá”.

Valdiléia de Moura (Léia), agricultora familiar na Comunidade Boca da Vereda/PVSA, na zona rural de Oeiras (PI), foi a



última painelistas da Plenária 3. Ela fez uma apresentação sobre a experiência de sua família e expôs os motivos que a fazem permanecer no campo: “o que me faz permanecer no campo? Estou na minha terra, com a minha família e com dinheiro no bolso. O que posso querer mais?!”, perguntou para responder, ela própria, em seguida: “não há dinheiro que pague tudo isso. Não tem preço acordar de manhã, ir até o chiqueiro pegar um ovo e comer no café da manhã”.

Quanto à produção, ela contou que hoje a família trabalha com cadeia produtiva. “A gente tem de tudo um pouco, nada de grande escala. É de pouco a pouco, quando a gente vê, que vai dando certo”. E afirmou que “todos os defensivos são orgânicos”.

Um dos projetos da família é a criação de galinhas caipiras da espécie canela preta, em parceria com a Embrapa Meio-Norte, que promovia a recuperação dessa raça. Isso foi ideia da própria Valdílea, que também frequentou a Escola Agrícola. Como a propriedade de sua família já é reconhecida na região por suas iniciativas bem-sucedidas, foi escolhida como multiplicadora desse tipo de criação. Na época (2012), as/os produtoras/es da região estavam constituindo a Associação de Produtores Hortifrutigranjeiros da Comunidade Boca da Vereda. As 11 famílias fundadoras da entidade “compraram” a ideia e cada uma recebeu 25 pintos. Atualmente, a Associação tem 29 membros, que se dedicam não apenas à criação de galinhas, mas também à horticultura e a outras atividades.



OFICINAS




Além da palestra principal, das três plenárias anteriormente sintetizadas e das atividades lúdicas e culturais, o II Encontro de Jovens Rurais do Semiárido incluiu um conjunto de 14 oficinas sobre assuntos relacionados aos eixos temáticos e aos objetivos específicos do evento.

As oficinas combinaram informações e práticas sobre assuntos relacionados à capacitação técnica, ao incentivo ao desenvolvimento de habilidades empreendedoras e gerenciais, e a técnicas produtivas e de manejo agroecológico conforme as características do Semiárido. As questões de identidade comunitária, racial, cultural, de gênero e orientação sexual também foram objeto de oficinas, assim como o resgate e promoção de manifestações culturais e técnicas de comunicação.

A íntegra dos relatórios sobre as atividades de cada uma das oficinas está disponível no anexo desta Memória tal como elaborados pelas/os relatoras/es, alunas/os do IFPI – campus de Picos. Esses relatórios foram redigidos segundo modelo previamente elaborado pelas/os responsáveis pelo II Encontro. Seu conteúdo, entretanto, foi livremente redigido pelas/os autoras/es com apoio das equipes das oficinas. Alguns dos relatórios incluíram depoimentos ou registros fotográficos. Esse material foi excluído dos anexos a fim de dar maior homogeneidade ao conjunto. Foram mantidos, entretanto, quando disponíveis, as contribuições das/os participantes das oficinas para a *Carta das Juventudes Rurais do Semiárido*, documento que integra esta Memória.



The image on the left is an abstract artwork featuring a textured surface. It is dominated by bright yellow and gold tones, with a prominent, thick, blue, brush-stroke-like shape that curves downwards from the center. The overall effect is one of vibrant, tactile energy.

As oficinas foram organizadas em torno dos eixos temáticos e trataram de uma variada gama de temas, resumidos da seguinte forma:

Eixo temático – Identidade Cultural: povos e comunidades tradicionais

Juventude Quilombola – objetivo: compartilhar os conhecimentos e experiências das comunidades quilombolas através da recuperação de músicas, danças, arte e expressão dos conhecimentos ancestrais, para que os jovens possam transmitir essas tradições e contribuir para a luta quilombola mantendo viva a sua cultura.

Juventude Indígena – objetivo: discutir temas referentes a dinâmicas das vivências indígenas, o dia a dia, as lutas por direitos, os costumes, a tradição e o espaço em que estão inclusos.

Mulheres Jovens Desconstruindo Relações Desiguais de Gênero – objetivo: problematizar as construções históricas, sociais e culturais sobre as relações de gênero a partir da experiência das mulheres jovens; dialogar com as jovens na perspectiva de construir conhecimentos que contribuam na desconstrução cotidiana das relações desiguais de gênero

nos diversos espaços de atuação da juventude rural; socializar as experiências das mulheres dos movimentos sociais no desenvolvimento da agroecologia e campesinato; e trabalhar as relações de gênero na desconstrução do machismo nas comunidades camponesas.

Organização da Juventude do Campo – objetivo: gerar debate sobre a construção de experiências de poder popular com protagonismo jovem; estabelecer métodos de trabalho envolvendo os temas *identidade, territórios e trabalho* para fortalecer os vínculos com as práticas cotidianas.

Gastrotinga: alimentos da caatinga utilizados na gastronomia – objetivo: resgatar a cultura da culinária que se perdeu ao longo do tempo na nossa região, inserindo alimentos típicos do Semiárido, principalmente os cactáceos, trabalhando de forma sustentável e diversificada na nossa alimentação no dia a dia, valorizando nossos produtos locais.



Eixo temático – O Semiárido Brasileiro: conservação e convivência com meio ambiente na perspectiva agroecológica

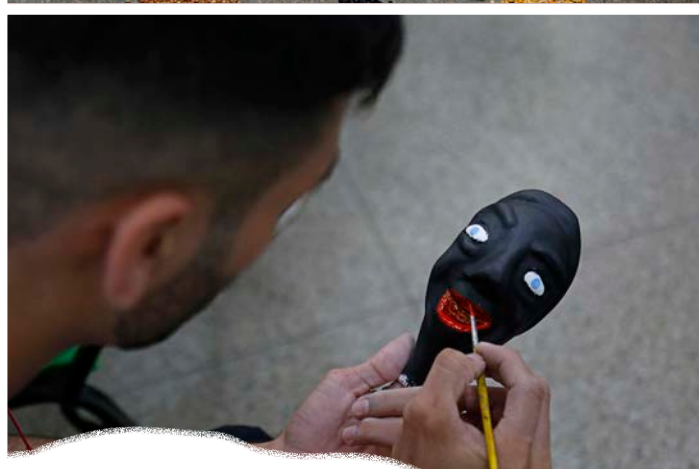
Convivência com o Semiárido – objetivo: despertar um novo olhar, apresentando formas de ter uma boa convivência com nossa região, aproveitando cada vez mais os seus potenciais.

Agroecologia e Quintais Produtivos – objetivo: sensibilizar as/os jovens para a importância da agroecologia; sensibilizar para a relevância dos quintais como patrimônio histórico e sociocultural no processo de sucessão da agricultura familiar; despertar para a construção de mercados sociais; trocar experiências sobre quintais produtivos.

Meio ambiente e Agrofloresta – objetivo: conscientizar as/os participantes sobre a imagem do “semiárido” e sobre as consequências ocasionadas pelo mau uso do solo e vegetação: o que é preciso para evitar essa imagem ruim do semiárido nordestino? A ideia foi conversar sobre a importância da utilização de práticas de convivência com o Semiárido e desconstruir o mito de que o solo do Semiárido não é propício para plantações, ou que não há recursos suficientes para que haja uma plantação rica.

Eixo temático – “O Movimento Cultural e as Novas Tecnologias: educação contextualizada”

Eu, um/a Comunicador/a Popular – objetivo: despertar e estimular o/a participante a “pôr a boca no trombone” quando se tratar de assunto de interesse da sua comunidade, escola, família. O que é preciso fazer para denunciar uma situação? O que eles/as precisariam fazer? A ideia é conversar sobre as habilidades necessárias para agir como um/a comunicador/a popular no espaço que frequentam e desconstruir a crença de que o poder da comunicação pertence a quem tem ou trabalha nos veículos de comunicação de maior alcance como rádios, TV e blogs e/ou sites. Em outras palavras: despertar ou fortalecer o interesse pela comunicação como uma estratégia de organização comunitária e de defesa dos direitos negados, assim como de autoafirmação da identidade de jovem rural ou de comunidades tradicionais.



Jovens Comunicadores/as – objetivo: proporcionar aos/às jovens o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão como indivíduos e como grupos, através das linguagens de literatura de cordel e da fotografia, tornando mais fácil suas expressões subjetivas e contextuais, de maneira coerente com determinado tema proposto pelos/as mediadores/as. Para além dos aspectos técnicos envolvidos, a intenção da oficina é a utilização das duas linguagens no sentido transformador da realidade, derivado da postura crítica e reflexiva do sujeito, do desenvolvimento de um olhar mais aguçado e da interpretação de maneira diferenciada do que enxergam ao seu redor.

Construção e Manipulação de Bonecos – objetivo: confecção e uso de bonecos de mamulengo visando a proporcionar aos participantes condições de utilizar essa atividade como fonte de renda, ferramenta de divulgação, denúncia e sensibilização de temas importantes, e animação cultural em shows, eventos e outras oportunidades.

Agitação e Propaganda como Estratégia de Organização e Resistência – objetivo: introduzir às/aos jovens os conceitos e práticas da agitação e propaganda (*agitprop*), bem como suas variadas formas, como principal ferramenta de luta que foi desenvolvida pelas/os trabalhadoras/es nos campos de batalha da luta de classe. Com isso, buscou-se apresentar subsídio e estimular as/os jovens a desenvolver, em suas comunidades, o trabalho de base por meio dos instrumentos e táticas de *agitprop*.

Grafite É Arte – objetivo: contribuir com o processo socioeducativo e de socialização de jovens, crianças e adolescentes, favorecendo sua acessibilidade às expressões artística e criativa por meio do grafite, proporcionando a autoestima e o espírito empreendedor.

Juventude e Empreendedorismo – objetivo: desenvolver atitude de liderança no setor de empreendedorismo e atentar para a importância do trabalho em equipe; descobrir a estreita relação entre empreendedorismo e liderança, pois se requer que os líderes sejam capazes de influenciar aquelas/es que fazem as políticas e as/os que tomam as decisões no campo econômico. As/os líderes devem ser proativas/os, humildes, saber escutar, ser facilitadoras/es, talentosas/os e capazes de orientar seus esforços e seu norte. Devem possuir valores como: disciplina, humildade, honestidade e respeito.

Síntese das oficinas

A riqueza e a diversidade de temas tratados durante as oficinas geraram uma ampla discussão sobre cada um dos eixos propostos para o Encontro. A dimensão cultural, a comunicação como prática educativa e a convivência com o Semiárido de forma sustentável foram elementos articuladores das falas e expressões artísticas nas oficinas.

Síntese das oficinas relativas ao eixo “Identidade Cultural: povos e comunidades tradicionais”

Quilombolas – as/os jovens presentes no Encontro destacaram temáticas relacionadas à cultura, sobretudo quanto à sua valorização e resgate nas comunidades quilombolas. Desse modo, as/os facilitadoras/es promoveram uma discussão sobre a história dos quilombos, seus hábitos, identidade, as danças mais comuns entre as comunidades, religião, comemorações etc. Reconhece-se como, nos últimos tempos, a cultura, em algumas comunidades quilombolas, vem se perdendo e constata-se a relevância dos jovens no resgate dessas práticas e na manutenção da luta quilombola.

Indígenas – da mesma forma, foram discutidos temas referentes às dinâmicas e vivências indígenas, o dia a dia, as lutas por direitos, os costumes, a tradição, os espaços que já se abriram para a inserção de indígenas, assim como sobre a resistência que esses grupos mantêm. Os avanços em relação à articulação desses grupos para manter suas tradições e lutar pelos seus direitos são importantes, mas ainda são necessárias ações dos jovens que contribuam para tornar a sociedade um espaço justo e acolhedor para todos os povos.

Os participantes das oficinas enfatizam que momentos como os propiciados pelo Encontro permitem construir pautas conjuntas para dar continuidade aos trabalhos pelo reconhecimento das comunidades indígenas e quilombolas, suas práticas e reivindicações.

Mulheres – as/os participantes da oficina consideram que é preciso conhecer mais profundamente a trajetória histórica de luta das mulheres pela garantia de direitos como parte do esforço para promover o desenvolvimento sustentável do Semiárido. Para isso, defendem a necessidade de fortalecer e ampliar a organização das entidades/movimentos sociais e suas lutas; buscar compreender as lutas sociais e a conjuntura sociopolítica do país; e participar da luta contra o retrocesso de direitos no Brasil, a reforma da previdência social e estratégias que consideram prejudiciais às mulheres.

Organização da juventude – as/os participantes da oficina sustentaram a necessidade de que sejam promovidos debates sobre experiências de participação dos jovens, o protagonismo destes nas diversas instâncias de poder e o desenvolvimento de mé-

todos de trabalho envolvendo os temas de *identidade, território e trabalho*, para que sejam fortalecidos os vínculos dos jovens com as práticas cotidianas no Semiárido.

Gastrotinga – a gastronomia baseada nos saberes alimentares do Semiárido, inclusive com o aperfeiçoamento da utilização dos ingredientes produzidos conforme as características e potencialidades da região, foi considerada pelos participantes não apenas como um elemento de reforço da identidade cultural, mas também um fator de desenvolvimento sustentável da região. Em vista disso, propuseram que os jovens difundam o conhecimento adquirido em suas respectivas comunidades.

Síntese das oficinas relativas ao eixo “O Semiárido Brasileiro: conservação e convivência com meio ambiente na perspectiva agroecológica”

Convivência com o Semiárido – a imagem pejorativa da região semiárida e de seu povo é prejudicial ao desenvolvimento sustentável de ambos tanto no que se refere à percepção do conjunto da sociedade brasileira quanto à autoestima dos habitantes da região. Alterar essa imagem, substituindo-a por uma nova visão de terra com grande potencial quando bem aproveitada e de um povo forte, supõe um aumento da conscientização da juventude a respeito dos fatores que contribuem para essa alteração de imagem, inclusive por meio de políticas públicas e projetos sociais.

Agroecologia e quintais produtivos – as/os participantes da oficina entendem que a juventude anseia por contribuir para a agricultura familiar e por seu desenvolvimento. Em vista disso, defenderam a necessidade de que as/os jovens se mobilizem para que a agricultura familiar se desenvolva, a fim de proporcionar alimentação saudável e gerar renda para as famílias e as comunidades do Semiárido. As/os participantes consideraram que é necessária a difusão de uma visão mais ampla da agroecologia para que possam ter acesso a formas de qualificação e a maior participação em suas comunidades também no que se refere à saúde e à renda familiar, e para que as/os jovens não precisem sair de suas comunidades. Isso inclui o entendimento de que a agroecologia é uma alternativa viável para a agricultura do futuro.



Meio ambiente e agrofloresta – as/os participantes da oficina consideraram que o desenvolvimento do Semiárido, no que se refere ao meio ambiente da região e às agroflorestas, exige que seja enfrentado o mito de que o solo do Semiárido não é propício para plantações, ou que não há recursos suficientes para que haja plantações ricas e diversas. Consideraram que a vigência desse mito contribui para o êxodo rural. Diante desse cenário, defenderam que os produtores da região promovam a ampliação do uso de suas áreas de terra mediante o agroflorestamento, com plantas vegetativas locais e comestíveis. O agroflorestamento, faz parte de práticas de convivência com o solo sem o agredir, por ocorrer paralelamente à valorização das nascentes d'água e à difusão de tecnologias como a das cisternas. As/os participantes defenderam o compartilhamento de suas experiências, o enriquecimento do debate sobre o tema e a busca por técnicas de aprendizagem em grupos.

Síntese das oficinas relativas ao eixo “Educomunicação para as juventudes do Semiárido”

Comunicação popular – a experiência da oficina levou seus e suas participantes a considerar que é essencial ao ser humano se comunicar e que, por meio da comunicação, é possível mudar a realidade de onde se vive facilitando melhorias, o resgate das histórias das/os antepassadas/os e até mesmo a convencer a juventude a ficar no campo. Outro resultado da oficina foi a constatação de que o fato de as/os jovens estarem no campo não as/os impede de participar de ações de comunicação, que podem incluir a instalação de emissoras de rádio comunitárias.

Jovens comunicadores/as – o domínio de algumas técnicas de comunicação é essencial aos jovens para que possam interagir entre si e atuar de forma efetiva em suas respectivas comunidades. A oficina sobre jovens comunicadores/as, além de aprofundar a compreensão do assunto, proporcionou aos participantes elementos sobre algumas técnicas e linguagens que estão ao seu alcance sem que seja necessário abandonar o Semiárido. Entre as técnicas e linguagens trabalhadas na oficina estiveram a literatura de cordel e a fotografia.

Construção e manipulação de bonecos – o teatro de bonecos é uma manifestação cultural de longa e rica tradição no Nordeste brasileiro. A oficina sobre o tema permitiu que os participantes adquirissem a percepção do potencial dessa manifestação cultural como recurso de educomunicação, ao mesmo tempo que proporcionou o conhecimento de como confeccionar e utilizar os bonecos – inclusive fundamentos de interpretação – em ações de comunicação em suas respectivas comunidades como forma de entretenimento popular e fonte de renda para quem os utiliza.

Agitação e propaganda como estratégia de organização e resistência – as/os participantes declararam que a oficina lhes permitiu adquirir conhecimentos sobre instrumentos e táticas de agitação e propaganda (*agitprop*), recurso historicamente empregado na mobilização de segmentos sociais que lutam contra as desigualdades. Esses recursos, entenderam os participantes, são especialmente adequados ao trabalho de jovens que, sem acesso a recursos institucionais, buscam atuar em suas comunidades e na base nas entidades e movimentos com o intuito de participar do esforço pelo desenvolvimento sustentável de regiões como o Semiárido.

Grafite é Arte – frequentemente estigmatizado por suas manifestações mais toscas, em geral em áreas urbanas degradadas, o grafite é uma das expressões das artes visuais que possibilita às/aos autoras/es imprimir no meio habitado suas percepções artísticas, políticas e sociais. Partindo da percepção do grafite como uma forma de relação com o meio e como produto da liberdade artístico-criativa e de pensar por meio da pintura em muros e painéis, a oficina permitiu que seus participantes compreendessem essa manifestação de arte e suas técnicas como forma de contribuir com o processo socioeducativo e de socialização de jovens, crianças e adolescentes do Semiárido.

Juventude e empreendedorismo – essa oficina, cujo teor e objetivo iam além do âmbito da educomunicação (embora a ele relacionada), permitiu às/aos suas/seus participantes obter noções sobre como desenvolver atitude de liderança no setor de empreendedorismo e atentar para a importância do trabalho em equipe. Como manifestaram algumas/ns das/os participantes, para as/os jovens do Semiárido essa compreensão lhes será especialmente importante na medida em que lhes permitiu descobrir a estreita relação entre empreendedorismo e liderança, tanto mais porque se requer que as/os líderes sejam capazes de influenciar aquelas/es que formulam e executam as políticas e as/os que tomam as decisões no campo econômico. Ao final da atividade, diversas/os jovens disseram ter compreendido que, para se tornarem líderes em suas respectivas comunidades e eventualmente em âmbito mais amplo, devem ser proativas/os, humildes, saber escutar, ser facilitadoras/es, talentosas/os e capazes de orientar seus esforços em função dos objetivos coletivos, e possuírem valores como: disciplina, humildade, honestidade e respeito.



Conclusão



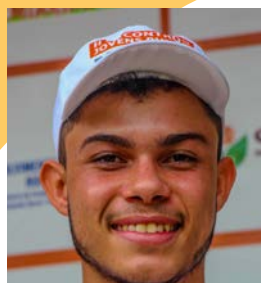
O II Encontro de Jovens Rurais do Semiárido Brasileiro reuniu 452 pessoas, que discutiram o tema “Os novos Desafios da sucessão rural para a juventude do Semiárido brasileiro” em torno de seis eixos temáticos: 1) Economia Solidária e Desenvolvimento Sustentável: alternativas de trabalho para a juventude rural; 2) O Semiárido Brasileiro: conservação e convivência com meio ambiente na perspectiva agroecológica; 3) O Movimento Cultural e as Novas Tecnologias: educação contextualizada; 4) Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural: os novos rumos da Política Pública de Juventude do Campo; 5) Quebrando Paradigmas: juventude, relações de gênero e diversidade sexual; 6) Identidade Cultural: povos e comunidades tradicionais.

O evento foi considerado um sucesso pelas/os participantes, porque foi concebido de forma a abordar o tema a partir dos pressupostos filosóficos propostos na palestra de abertura, desenvolvidos em três plenárias nas quais um grupo de painelistas combinaram informações teóricas com relatos de experiência. Como corolário, ocorreram 14 oficinas nas quais as/os participantes tiveram experiências concretas de como conceber, desenvolver e promover ações relacionadas ao tema em suas respectivas comunidades.

DEPOIMENTOS



A seguir, depoimentos obtidos de entrevistas com os participantes.



Com a participação da gente da comunidade, a gente pode ter um embasamento melhor e chegar a instruir eles sobre a melhor forma de desenvolver o projeto lá, que hoje é corte e costura, para trazer rentabilidade para lá. Esse é meu primeiro evento aqui no Piauí e eu já tenho uma visão completamente diferente de como empreender, do que chegar e fazer lá para que a comunidade se desenvolva, que vou levar junto com outro rapaz, que é Pedro Saulo, da comunidade também, que está aqui. A gente faz design gráfico lá, e a meta da gente é passar tudo que a gente absorveu aqui para lá. Quanto mais oportunidade a gente tiver de crescer a comunidade, a gente vai fazer.

AUGUSTO CÉSAR MOURA FILHO, 19 ANOS, POVOADO GAVIÃO/AL

Eu levo daqui mais animação e resistência porque nós, jovens rurais, temos sempre desafios para estar enfrentando, e participando de eventos e momentos de formação tem como a gente levar para o nosso meio e poder fazer com que os jovens de lá não se mudem de sua localidade. Fazer com que eles resistam e persistam no campo, porque é de lá que a gente tira nosso sustento.

ISABEL SILVA SANTOS, 23 ANOS, COMUNIDADE TIGRE, CAÉM/BA





Eu vou levar bastante coisa, bastante conhecimento que eu conheci aqui sobre danças diferentes que eu não conhecia, cultura, sobre a valorização, que muitos negros não se valorizam, ainda têm medo de se identificar como negro quilombola, porque não adianta a pessoa ser negra, dizer que é quilombola, e não se valorizar.

LUCAS FERREIRA DE SOUSA, 16 ANOS, COMUNIDADE QUILOMBOLA TRANQUEIRA, VALENÇA/PI

Josiel Ventura (Paraíba) ao falar da saudade do cariri ocidental paraibano, onde está localizada sua comunidade quilombola compostas por setenta e cinco famílias, chamada São João do Tigre, reconhecida desde 2017, após sete anos de seca, a terra volta a florir com a chegada das chuvas. O camponês agora graduando de Ciências Sociais vive longe de casa, porém a saudade é aliviada ao lembrar que os jovens rurais precisam ocupar todos os espaços, seja no campo, nos movimentos, nas pastorais ou nas universidades. "As várias



juventudes estão se vendo, estão no mesmo processo de luta, de organização, mas é uma juventude diversa, uma juventude camponesa, tem uma identidade camponesa, e, mais para frente, vai ajudar. Pois essa juventude é bem ampla e está em diversos espaços, ocupando organizações, ocupando cargos governamentais, entre outros espaços”, comentou Josiel. Depois de passear por tantas memórias, de estados tão diversos que carregam marcas do semiárido brasileiro, o desejo é que as sementes plantadas nesse encontro de saberes e trocas, germine, regadas por potencialidades; se transformem em alternativas para o bem viver em um semiárido onde as juventudes ocupem todos os espaços, seja na sua comunidade, nas políticas públicas, nas lutas e resistências que estejam juntas quilombolas, indígenas, mulheres, LGBTI respeitando às interseções e lugares de fala.

JOSIEL VENTURA (PARAÍBA)



Eu quis, eu desejei vir a esse encontro para buscar isso: ter mais conhecimentos. Eu acho que aqui é uma fonte de conhecimento não só pelas pessoas vindas de outros estados, mas pelo próprio povo que veio palestrar, pelas oficinas, pelas próprias plenárias. Eu quero muito voltar e poder potencializar aquilo que a gente já tem a partir do que eu estou vendo aqui... Eu espero que eu consiga fazer isso dentro do grupo de jovens que eu participo, no coletivo, na própria Rede estadual, porque dentro dessa rede eu vou ter a possibilidade de contar o que eu vivenciei aqui não só para quem é da minha região, mas para quem é de todas as regiões do estado. Eu vou levar não só o que eu vi, mas o que eu senti, e eu sei que vai servir para essas outras comunidades rurais e urbanas.

MONAIANE SILVA SÁ, COMUNIDADE SÃO JOÃO, TIANGUÁ/CE



Eu avalio esse encontro como um encontro muito positivo onde a gente conseguiu reunir mais de 400 jovens, trazendo diversas experiências, pelo qual eles estão se mobilizando, estão se organizando na base, não estão se desanimando diante desse governo que está impondo tantas dificuldades para nós, enquanto jovens rurais. Eu também levo como experiência, não só pro meu estado, mas para todos os estados do Brasil onde a gente tem contato com a juventude, que nós precisamos sentir esse calor, esse fervor que são os jovens desse Semiárido que, com todas as dificuldades

que têm – como muitas vezes as políticas públicas não chegam como deveriam chegar –, permanecem firmes, permanecem na resistência com muita alegria, com muita diversidade. Então, nós precisamos levar essa experiência deles, dessa alegria, desse ânimo, dessa resistência, dessa organização, para os diversos espaços também de outras organizações de juventudes. Então eu estou muito feliz de estar aqui com vocês.

MONICA BUFFON AUGUSTO, SECRETÁRIA NACIONAL DA JUVENTUDE RURAL DA CONTAG

Eu tô achando muito bacana, porque já é o segundo evento que eu estou participando e, não que eu não tenha achado o primeiro bom, mas esse aqui está sendo ótimo, porque tem muito mais gente e os conhecimentos vão cada vez mais aumentando... Eu levo bastante aprendizagem e conhecimento. Lá na nossa comunidade, a gente tem um grupo de indígenas que se chama AJI (Articulação de Jovens Indígenas), e acho que vou entrar um pouco no contexto que eu aprendi aqui e repassar através desse grupo.



THALYSSON TEIXEIRA DE MATOS, 18 ANOS, ALDEIA FIDELIS, QUITERIANÓPOLIS/CE



Eu levo a crença de que o trabalho está sendo feito, que ele está no caminho certo e que existem, nas diversas regiões do Semiárido brasileiro, milhares de jovens com ideias parecidas e produtos diferentes, e que a gente precisa estar dialogando cada vez mais, porque criando esse diálogo e conhecendo os projetos feitos nas outras regiões é que a gente vai conseguir fortalecer a região que a gente mora.

TIMÓTEO DOMINGOS, DIRETOR PRESIDENTE DO INSTITUTO GASTROTINGA

Eu sou do movimento social dos pequenos agricultores do MPA; a gente tem um enfoque, a gente trabalha com as comunidades, as comunidades camponesas, e a gente tem muito esse enfoque da agroecologia para produzir alimentos saudáveis. Por isso, eu acho que a maior riqueza desse encontro é ver jovens que estão



começando a participar e se ver nesses debates de construir a economia, construir a agroecologia dentro de suas casas, ver que o espaço dele é dentro de suas casas e de suas comunidades. Então é muito para mim, você conseguir trazer uma juventude muito nova, que nunca participou de um evento como esse, com uma estrutura muito boa, e conseguir estar dialogando com toda essa diversidade de tantos estados e do Semiárido, principalmente.

JEAN MARQUES DOS SANTOS DOS ANJOS, COMUNIDADE QUEIMADAS, POÇO REDONDO/SE

Está sendo uma experiência única porque, durante a viagem, você pode conhecer jovens de diversas regiões do país, você pode trocar várias informações, encontrar pessoas com diálogo completamente diferente do seu, mas com o mesmo foco, que é levar o protagonismo, levar voz e falar que juventude tem vez e tem voz na área da comunicação, na área da política pública. Muita gente acha que não, que adolescente não tem esse poder, não tem o direito de estar à frente de alguns movimentos, porém, não é isso que está acontecendo nos dias atuais, e eu espero que continue. É um evento maravilhoso, um evento rico tanto em conhecimento como em você fazer amizades, fazer transformações e se redescobrir em locais como esse.



NOESIO SANTOS, ALFAVACA SALENTO, JUAZEIRO/BA

Dentro do que se propõe o Semear Internacional, está o acesso a saberes e à diversidade cultural, envolvendo homens, mulheres, jovens de orientações, gênero, etnias e áreas geográficas diversas. Toda essa diversidade estava presente na programação do encontro, onde os espaços estavam repletos de pessoas que falavam das identidades a partir de suas vivências, preconceitos, violações de direitos e experiências que deixaram boas memórias, e passam, com respeito, o conhecimento de forma genuína, na qual a quilombola fala a sua história e a agricultora fala de seus quintais produtivos. É privilégio poder ouvir os próprios protagonistas, levando assim à quebra de paradigmas: “é um privilégio ouvir histórias de mulheres que não aceitam ser maltratadas, não aceitam ser desrespeitadas, mulheres que se juntam e apoiam outras



mulheres na causa, transexual que preside organizações, como é o caso do sergipano Célio da Silva. Trazemos essas histórias para que elas sejam faladas e despertem as pessoas para enxergar a diversidade como natural e necessária”, explicou a paraibana.

ALINE MARTINS, SEMEAR INTERNACIONAL

Para mim foi muito maravilhoso o evento, eu tive uma escola de saber e uma abertura a um conhecimento muito amplo. Eu vou levar também para minha cidade um conhecimento muito grandioso, uma riqueza, especialmente de Leonardo Boff; ele realmente é um filósofo que eu admiro muito pela personalidade e pela briga que ele tem de mostrar que nós somos pequenos, mas nos tornamos grandes pela questão de ajudarmos um ao outro. Esse é o meu haver do respeito que eu tenho hoje por estar aqui no Piauí, em Picos, e o conhecimento que eu vou levar ao meu estado vai ficar muito gratificado pelas fotos, vídeos e áudios que vou levar daqui. Essa é minha forma de ter mais respeito deles e mostrar que eu vim à procura de beneficiar eles também. Entendo a participação no encontro para além da plenária à que fui convidado. A aproximação com outros jovens é uma oportunidade para fortalecer novos laços e apoiar os que precisam. Eu tive vínculo a partir de perguntas, conversas, e vi que eles têm problemas com aceitação porque são pessoas de zonas rurais que vivem em pequenas comunidades, e a questão da conversa para chegar à aceitação é difícil para eles. E falo sempre, todos podem conseguir fazer igual ou melhor do que já fiz, lembrando que somos iguais e faremos a diferença juntos, não sendo indiferentes uns aos outros. O preconceito é secular, caminha junto com o machismo e o patriarcado; para romper essas estruturas, é preciso percorrer o caminho do respeito, escutando e conhecendo o sofrimento do outro e seguir juntos, seja homem ou mulher, afinal a luta é grande, mas a vitória é constante.



CÉLIO DA SILVA, SECRETÁRIO DA ASSOCIAÇÃO LGBT DO BAIXO SÃO FRANCISCO, ENTIDADE VINCULADA À ASSOCIAÇÃO SERGIPANA DE TRANSGÊNEROS (ASTRA), E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES EM ILHA DAS FLORES/SE

**CARTA DAS JUVENTUDES
RURAIS DO SEMIÁRIDO
BRASILEIRO**

·
·
·



Nós, juventudes rurais do Semiárido brasileiro, do campo, das águas e das florestas, oriundas de povos indígenas, quilombolas, comunidades de fundo e fechos de pasto e demais comunidades tradicionais, da agricultura familiar e camponesa, assentadas e assentados da Reforma Agrária, sem-terra, assalariadas e assalariados rurais, pescadoras e pescadores, atingidas e atingidos por barragens e mineradoras, estudantes, artesãs e artesãos, militantes das pastorais, movimentos sociais, sindicais, ONGs, coletivos, articulações e redes, reunidas e reunidos no II Encontro de Jovens Rurais do Semiárido Brasileiro, ocorrido entre os dias 5 e 7 de abril de 2019, na cidade de Picos, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do estado de Piauí, com representação da Bahia, do Ceará, da Paraíba, do Pernambuco, do Sergipe, do Piauí e do Rio Grande do Norte, totalizando 452 participantes, reafirmamos que é no Semiárido que a vida pulsa, é no Semiárido que a juventude resiste na luta por igualdade e condições para nossa permanência no campo.

Em 2016, reunidas e reunidos no I Encontro de Jovens Rurais do Seminário, diante de um contexto de ameaças à democracia e do golpe parlamentar, jurídico e midiático que se consolidou e retirou um governo legitimamente eleito, as juventudes demandavam a ampliação de políticas públicas específicas. Nos últimos três anos, vivenciamos um aprofundamento do conservadorismo e a retirada de direitos com a aprovação da reforma trabalhista e da PEC 55 (conhecida como a “PEC da Morte”), que congelou por 20 anos os investimentos em saúde e em educação; a paralisação da reforma agrária e da demarcação das terras indígenas e quilombolas; a insistente proposta da reforma da previdência, que chegou a ser derrotada pela pressão e luta popular durante o governo Temer. Além disso, vimos o fim de políticas públicas estruturantes que foram essenciais para a permanência da juventude rural no campo.

Consideramos que o resultado das eleições de 2018 foi fruto da manipulação das massas por meio, principalmente, da veiculação de notícias falsas nas redes sociais, assim como da prisão política do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que liderava as pesquisas para a presidência da República. Como consequência, atualmente, lutamos contra o avanço da extrema direita, que apresenta pautas baseadas na moralidade religiosa e militar e que quer exterminar os princípios da laicidade do Estado, a liberdade de expressão e os direitos humanos, ferindo a Constituição Federal de 1988, buscando desestruturar e desarticular as organizações da sociedade civil e criminalizar os movimentos sociais.

Entendendo que as pautas propostas pelo governo federal eleito em 2018 impactam nas ações dos governos estaduais e municipais, restringindo ações para reduzir as desigualdades sociais e a pobreza e aumentando o benefício das grandes

empresas, as juventudes reafirmam a importância da defesa do Semiárido brasileiro e lutam contra os grandes projetos do agromineronegócio, a exemplo do Matopiba, dos campos de energia eólica, do perímetro irrigado da Chapada do Apodi e da grilagem de terras, pois todos retiram o direito de produzir e de viver no campo.

Durante o II Encontro de Jovens Rurais do Semiárido aconteceram plenárias paralelas, divididas em três grandes eixos temáticos: Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural: os novos rumos da Política Pública de Juventude do Campo; Quebrando paradigmas: juventude, relações de gênero e diversidade sexual; e Economia Solidária e Desenvolvimento Sustentável: alternativas de trabalho para a juventude rural. A metodologia utilizada nas plenárias temáticas foi organizada em forma de provocações e debates em rodas de conversa, para que houvesse o máximo de participação das jovens e dos jovens presentes. Construimos

ainda catorze oficinas a partir dos eixos: Identidade Cultural: povos e comunidades tradicionais; O Semiárido Brasileiro: conservação e convivência com o meio ambiente na perspectiva agroecológica; e Educomunicação para as Juventudes do Semiárido. A socialização das experiências e dos saberes apresentou os desafios para as juventudes rurais do Semiárido e construiu estratégias de resistência desde os nossos territórios.

As jovens e os jovens rurais do semiárido querem maior representatividade de mulheres e LGBTQs nos espaços públicos, uma justa divisão do trabalho doméstico e paridade salarial entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Lutaremos para o fim das violências contra mulheres e LGBTQs nas zonas rurais, que causam adoecimento e extermínio da nossa juventude. As juventudes rurais do Semiárido precisam debater estratégias comuns, a partir do feminismo, para a construção de uma sociedade que respeite as diversidades,

principalmente diante desta conjuntura política, econômica e de desigualdades sociais. É necessário fomentar uma educação não-sexista, solidária e afetiva, sobretudo no espaço familiar, para que haja a desconstrução de práticas machistas no nosso cotidiano. Nós, jovens mulheres do campo, das águas e das florestas presentes no Semiárido, seguiremos juntas em luta até que todas sejamos livres.

Nós, as juventudes rurais do Semiárido, afirmamos que queremos nossos territórios livres. Queremos permanecer no campo, produzindo alimento saudável com práticas agroecológicas, protegendo assim nossa casa comum. Sabemos que, nos últimos períodos, avançamos na convivência com o Semiárido e, por isso, defendemos a manutenção e a ampliação das políticas públicas que nos auxiliaram no caminho de uma relação harmônica com nossos territórios, pois eles correm grandes riscos de destruição e desertificação. Também precisamos lutar pela construção de políticas públicas que venham contribuir com a valorização

e o resgate das tradições culturais das comunidades negras, quilombolas e indígenas. Por isso, afirmamos o Semiárido como um território político e de luta: a defesa de nossos territórios se fortalecerá com a unidade entre nós. Para isto, precisamos resgatar nossas redes de cooperação, avançar na construção de uma economia solidária de convivência. Garantir que nós, juventudes rurais, tenhamos acesso à terra, à água, ao crédito e à assistência técnica especializada, assim como a uma educação no e do campo, com as Escolas Família Agrícola (EFAs) e os Institutos Federais (IFs), contra o fechamento das escolas do campo e contra o projeto Escola sem Partido.

Mais do que nunca é necessário avançar na organização das juventudes dos campos, das águas e das florestas no Semiárido. É urgente que nossas organizações pautem a formação política e técnica das juventudes. Precisamos tornar ainda mais conhecido o Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural. Faz-se necessário que as juventudes

tenham como bandeira de luta a proteção do bioma caatinga, a construção da Reforma Agrária Popular, as práticas agroecológicas, a proteção das sementes crioulas e a construção da soberania alimentar, energética e popular.

Nós, jovens do Semiárido, afirmamos que a juventude não é somente o futuro, mas também o presente. Por isso, precisamos ser a energia da luta, responsáveis pela transformação dessa realidade na construção de uma sociedade justa, igualitária e livre. É tempo de resistência, de unidade, de rebeldia e luta. Assim como disse Leonardo Boff durante sua palestra no encontro: precisamos construir “o destino comum, que nos convida a um novo começo, a fortalecer a responsabilidade coletiva e um modo sustentável de vida”, afinal “ou acabamos com o capitalismo, ou ele acabará com o planeta”.

Picos, 7 de abril de 2019









ANEXO I

-
-
-

Relatórios de oficinas (síntese)

Oficina 1 – Juventude Quilombola

Identificação

Nome da oficina	Juventude Quilombola	
Nome das/os facilitadoras/es	Marcília Rodrigues de Sousa Arnaldo (Naldinho) de Lima	
Nome da relatora e correlator	Maria dos Remédios Matos Santos Wagnysson Moura Luz	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
39	30	9

Objetivo da atividade

O objetivo principal foi compartilhar os conhecimentos e experiências das comunidades quilombolas através da recuperação de músicas, danças, arte e expressão dos conhecimentos ancestrais, para que os jovens possam transmitir essas tradições e contribuir para a luta quilombola mantendo viva a sua cultura.

Dinâmica da atividade

A oficina contou com muita energia e animação trazidas pelos cantos quilombolas, acompanhados de berimbau e pandeiro durante a maior parte das atividades, já que se fazia necessário para aprender-se na prática algumas tradições das comunidades quilombolas. As/os facilitadoras/es contaram histórias e esclareceram o significado de alguns costumes, sempre incentivando os participantes a falar de suas experiências enquanto jovem quilombola.

Síntese final da oficina

Destaques	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação das/os facilitadoras/es e das/os participantes: objetivo da oficina, o porquê do nome dela e o motivo de interesse na oficina;• debate e vivências da cultura nos quilombos: historicidade, hábitos, identidade, as danças mais comuns entre as comunidades, religião, comemorações;• emergência de repassar a cultura para as/os jovens quilombolas, a fim de cultivar e manter a cultura nas comunidades;• roda de cantos, exposição de instrumentos e dança com as/os participantes;• importância do cabelo na construção da identidade negra.
Propostas	<ul style="list-style-type: none">• Desafiar as/os participantes a repassar os cantos entrançados para suas comunidades;• buscar conhecimentos sobre suas raízes quilombolas;• incentivar a comunidade quilombola a se fortalecer na luta por seus direitos.
Encaminhamentos	<ul style="list-style-type: none">• Criar um coletivo da juventude quilombola para trabalhar a questão dos cantos entrançados e a sua realidade;• despertar nas suas comunidades o desejo de cultivar e dar continuidade aos seus costumes e tradições, somando-se de maneira que fortaleça as memórias culturais e preservação da identidade.

Oficina 2 – Juventude Indígena

Identificação

Nome da oficina	Juventude Indígena	
Nome das/os facilitadoras/es	Elenilda da Anunciação Ribeiro Thalysson Teixeira de Matos Cícero Evangelista Dias	
Nome da relatora	Ana Júlia Vieira de Moura Santos	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
11	4	7

Objetivo da atividade

Discutir temas referentes a dinâmicas das vivências indígenas, o dia a dia, as lutas por direitos, os costumes, a tradição e o espaço em que estão inclusos.

Dinâmica da atividade

A oficina foi permeada por vivências através de uma roda de conversa, onde se discutiram os assuntos propostos. Foram ainda apresentados cânticos e uma leitura de texto feita pelas/os indígenas.

Síntese final da oficina

Destaques	<ul style="list-style-type: none">• A apresentação do índio Mateus Tremembé emocionou bastante as/os participantes. Logo após o término da oficina, as/os índias/os pintaram as/os participantes com pinturas indígenas feitas com a própria tinta natural por eles produzida.
Propostas	<ul style="list-style-type: none">• Foi proposto que elas/es se mobilizassem nas suas comunidades através da comunicação para ir em busca de seus direitos, já que alguns estão sendo tirados.
Encaminhamentos	<ul style="list-style-type: none">• A cultura é essencial ao ser humano, sendo assim necessário preservá-la, lutar por ela e repassá-la.

Oficina 3 – Mulheres Jovens Desconstruindo Relações Desiguais de Gênero

Identificação

Nome da oficina	Mulheres Jovens Desconstruindo Relações Desiguais de Gênero	
Nome das/os facilitadoras/es	Maria Gonçalves Josineide da Costa Sousa Sandra Leal Marília Gabrielly Peixoto de Sousa	
Nome da relatora	Jenilson Antônio Oliveira Romaria da Silva Sousa	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
32	28	4

Objetivo da atividade

Problematizar as construções históricas, sociais e culturais sobre as relações de gênero a partir da experiência das mulheres jovens.

Dialogar com as jovens na perspectiva de construir conhecimentos que contribuam na desconstrução cotidiana das relações desiguais de gênero nos diversos espaços de atuação da juventude rural.

Socializar as experiências das mulheres dos movimentos sociais no desenvolvimento da agroecologia, campesinato.

Trabalhar as relações de gênero na desconstrução do machismo nas comunidades camponesas.

Dinâmica da atividade

Apresentação das facilitadoras e das/os participantes (nome, estado, movimento/entidade que representa, levantamento de expectativas sobre a oficina).

Dinâmica “O baú do gênero”, que mostra imagens de objetos convencionalmente direcionados para meninos e meninas para refletir sobre os papéis sociais dos homens e das mulheres na sociedade.

Construção, em diálogo, da linha do tempo da trajetória das mulheres no mundo, buscando compreender os processos históricos de educação das mulheres e o seu papel na sociedade capitalista.

Roda de conversa/debate/partilha de experiências.

Dança circular “Cajueiro pequenino”.

Encerramento com a leitura de um poema.

Síntese final da oficina

Destaques	<ul style="list-style-type: none">• Análise da conjuntura sociopolítica do país e a mulher inserida nesse contexto;• gênero e desigualdade de gênero;• feminismo;• patriarcado e machismo;• desconstrução de paradigmas;• violência contra a mulher;• autoafirmação da identidade feminina;• sociedade capitalista e luta de classes;• fortalecimento e ampliação das organizações sociais e de suas lutas;• ocupação dos espaços de luta pelas mulheres.
Propostas	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer mais profundamente a trajetória histórica de luta das mulheres pela garantia de direitos;• fortalecer e ampliar a organização das entidades/ movimentos sociais e suas lutas;• buscar compreender a luta de classes e a conjuntura sociopolítica do país;• lutar contra o retrocesso de direitos no Brasil, a reforma da previdência social e qualquer estratégia que prejudique as mulheres.
Encaminhamentos	<ul style="list-style-type: none">• Ocupar os espaços de lutas e poder;• incentivar as mulheres a participar da Marcha das Margaridas em Brasília.

Oficina 4 – Organização da Juventude do Campo

Identificação

Nome da oficina	Organização da Juventude do Campo	
Nome das/os facilitadoras/es	Mônica Bufon Augusto Mateus Menezes Quevedo	
Nome da relator	Marx Rodrigues de Moura	
Apoio	Gildevan Sousa	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
18	9	9

Objetivos da atividade

Gerar debate sobre a construção de experiências de poder popular com protagonismo jovem.

Estabelecer métodos de trabalho envolvendo os temas identidade, territórios e trabalho para fortalecer os vínculos com as práticas cotidianas.

Dinâmica da atividade

A oficina aconteceu em 3 partes:

- 1 – Apresentações
- 2 – Experiências e debate
- 3 – Plano estratégico

Síntese final da oficina

Destaques	<ul style="list-style-type: none">• A oficina gerou debate sobre a construção de experiências de poder popular com protagonismo jovem;• apresentação das experiências da Contag através do Jovem Saber;• apresentação das experiências do Enfoc, da Juventude Rural do Rio Grande do Sul e do MPA.
Propostas	<ul style="list-style-type: none">• Métodos de trabalho envolvendo os temas <i>identidade, território e trabalho</i>, para fortalecer os vínculos com as práticas cotidianas.
Encaminhamentos	<ul style="list-style-type: none">• Contrapor-se ao movimento do agronegócio, que não tem responsabilidade social;• sementes devem ecoar através do encontro, esse é o momento para empoderamento e levar o que é aprendido para outras/os jovens;• escolha de três pessoas para socializar o que houve na plenária de encerramento. As/os facilitadoras/es não conseguiram articular, nesse momento, as três pessoas.

Oficina 5 – Gastrotinga

Identificação

Nome da oficina	Gastrotinga: alimentos da caatinga utilizados na gastronomia	
Nome das/os facilitadoras/es	Maria do Perpétuo Socorro Macedo do Nascimento Timóteo Domingos Martins	
Nome da relatora	Bruna Lara Borges da Silva	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
19	11	8

Objetivo da atividade

A oficina Gastrotinga, ministrada pelas/os facilitadoras/es Preta e Timóteo, teve como proposta central resgatar a cultura da culinária que se perdeu ao longo do tempo na nossa região, inserindo alimentos típicos do Semiárido, principalmente os cactáceos, trabalhando de forma sustentável e diversificada na nossa alimentação no dia a dia, valorizando nossos produtos locais. Essa oficina é de suma importância para que o ser humano desperte a vontade de buscar novas aprendizagens, enfrentar desafios e poder compartilhar experiências.

Dinâmica da atividade

A oficina foi permeada por roda de conversa sobre vivências, trabalhando a valorização do Semiárido na história de vida dos participantes e da comunidade para contribuir com o debate, compartilhando experiências e enriquecendo a discussão e aprendizagem do grupo.

Síntese final da oficina

Destaques	<ul style="list-style-type: none">• Toda a oficina foi muito interessante pela forma com que foi conduzida, sempre interligando a experiência vivida com a nossa realidade;• o destaque da oficina foi o fato de as/os facilitadoras/es terem começado por contar suas experiências, o que motivou as/os participantes a interagir mais, debater e participar da elaboração dos pratos.
Propostas	<ul style="list-style-type: none">• Foi proposto que cada participante da oficina levasse o conhecimento ali adquirido e utilizasse o que aprendeu no seu dia a dia, para valorizar o nosso Semiárido, pois “é no Semiárido que a vida pulsa, é no Semiárido que o povo resiste”.

Oficina 6 – Convivência com o Semiárido

Identificação

Nome da oficina	Convivência com o Semiárido	
Nome das/os facilitadoras/es	Tatiane Faustino da Silva Raimundo do Vale Azevedo José Moacir dos Santos	
Nome das/os relatoras/es	Cassiane de Moura Araújo Francisco Gleyson Queiroz	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
31	17	16

Objetivo da atividade

Partindo inicialmente da desconstrução da imagem feita acerca do Semiárido através dos problemas que existem, a oficina buscou um novo olhar, apresentando formas de se sobressair e alcançar o sucesso na região semiárida, buscando auxílio de projetos que dão suporte ao indivíduo para que tenha uma boa convivência com nossa região, aproveitando cada vez mais as suas potências.

Dinâmica da atividade

Dialogada, mostrando o ponto de vista de cada um/a sobre a vivência no semiárido, e de forma dinâmica, através de apresentação de slides, a oficina foi dividida em três partes, sendo duas delas baseadas na formação de um diálogo a partir dos temas apresentados. O facilitador José Moacir iniciou a oficina se questionando como a juventude está se desenvolvendo no Semiárido e sobre a importância de formar uma nova ideia dessa região. Antes de aprofundar-se diretamente, fez-se uma linha do tempo dessa região, apresentando características do seu passado até os dias atuais, e foi nesse contexto que se apresentou um dos graves problemas existentes no Semiárido: a irregularidade das chuvas, demonstrada através de gráficos que constata essa problemática, levando como fonte de estudo a região do Juazeiro/CE. Ainda nesse contexto, chegou-se à conclusão de que o grande problema dessa região não é em si a escassez de água, e sim a grande evaporação, uma vez comparada a outras regiões, podendo-se perceber que na região semiárida chove mais que em outras regiões que não passam pelos mesmos problemas. Com essa problemática, fez-se o estudo com as/os participantes da oficina de como medir o percentual em milímetros das chuvas, concluindo-se, assim, que a solução é evitar a evaporação, adaptando-se.

Ainda na problemática da água, discorreu-se sobre a questão da água no subsolo do Semiárido, evidenciando que não é em toda parte dessa região que é possível encontrar água no subsolo. Tratou-se, ainda, sobre os ciclos das secas dessa região,

constatando-se, por meio de pesquisas exploratórias, que as secas são previsíveis, podendo ser trabalhadas ainda com potencial de utilização racional das terras semiáridas, além do importante papel das políticas públicas para garantir água em períodos de seca.

Na segunda parte da oficina, houve os relatos de experiência da facilitadora Tatiane Faustino, que trataram das suas convivências com o Semiárido do sertão do Pajeú. Por fim, na terceira parte, ocorreram as experiências práticas da demonstração de como acontece a evaporação da água, e também construiu-se um pluviômetro para medir a quantidade de chuva.

Síntese final da oficina

Destaques	<ul style="list-style-type: none">• Desconstrução da imagem pejorativa da região semiárida e do próprio povo aqui presente para uma nova visão de uma terra com grande potencial, quando bem aproveitada, e de um povo forte;• construção da afirmativa que o jovem hoje pode se desenvolver no cenário do campo, podendo alcançar grandes conquistas através de políticas públicas e projetos sociais.
Propostas	<ul style="list-style-type: none">• Buscar medidas que visem a resolver a grande problemática da crise hídrica através de propostas que tendem a diminuir a evaporação da água, visto que esse é o real problema da região semiárida.

Oficina 7 – Agroecologia e Quintais Produtivos

Identificação

Nome da oficina	Agroecologia e Quintais Produtivos	
Nome das facilitadoras	Júlia Aires Maria Francisca Gomes da Silva Sílvia Sousa Silva	
Nome das relatoras	Francisca Joilane dos Santos Silva Sergilene Rodrigues de Melo	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
30	17	13

Objetivo da atividade

Sensibilizar as/os jovens para a importância da agroecologia; sensibilizar para a relevância dos quintais como patrimônio histórico e sociocultural no processo de sucessão da agricultura familiar; despertar para a construção de mercados sociais; trocar experiências sobre quintais produtivos.

Dinâmica da atividade

Apresentação das/os participantes, com o intuito de saber de onde vieram e o motivo de terem escolhido essa oficina.

Fala das facilitadoras sobre suas experiências com a agroecologia e quintais produtivos.

Dinâmica com as/os participantes, na qual elas/es desenharam seus quintais, não necessariamente existentes – os quintais da sua imaginação.

Síntese final da oficina

Destaques	<ul style="list-style-type: none">• A oficina foi muito interessante; houve participação e interação de todas/os, sempre dialogando com a realidade das/os envolvidas/os com muita troca de experiências;• um ponto a ser destacado é o anseio de cada participante em contribuir para a agricultura familiar, fazer com que essa cultura não suma e que as/os jovens do campo não deixem de contribuir, podendo inovar a cada dia sua cultura.
Propostas	<ul style="list-style-type: none">• Foi proposto que as/os jovens se mobilizassem dentro de suas comunidades para fortalecer essa realidade tão rica que é a agricultura familiar, para que as pessoas tenham uma alimentação saudável e para gerar renda para as famílias de suas comunidades, beneficiando todas/os.
Encaminhamentos	<ul style="list-style-type: none">• É essencial que tenhamos uma vida saudável. Com essa oficina tivemos uma visão mais ampla da agroecologia, para que possamos sempre nos qualificar e crescer dentro das nossas comunidades com relação à saúde, à renda familiar, para que as/os jovens não precisem sair de suas comunidades devido à forma de viver em outros lugares. A agroecologia é uma alternativa viável para a agricultura do futuro. Agroecologia é vida.

Oficina 8 – Meio Ambiente e Agrofloresta

Identificação

Nome da oficina	Meio Ambiente e Agrofloresta	
Nome das/os facilitadoras/es	Maria José da Silva Afonso Gilberto Galvão	
Nome das relatoras	Vanusa da Silva Oliveira Milena Veloso Luz	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
35	15	20

Objetivo da atividade

O objetivo foi conscientizar as/os participantes sobre a imagem que elas/eles têm do Semiárido, as consequências ocasionais pelo mau uso do solo e sobre a vegetação: o que é preciso para evitar essa imagem ruim do Semiárido nordestino? A ideia foi conversar sobre a importância da utilização de práticas de convivência com o Semiárido.

Outro objetivo foi desconstruir o mito de que o solo do semiárido não é propício para plantações, ou de que não há recursos suficientes para que haja uma plantação rica. Destacou-se a realidade do êxodo rural, de muitas pessoas que saem do campo por achar que a cidade tem mais valor, deixando de lado suas culturas e tecnologias.

Dinâmica da atividade

A oficina foi permeada pela vivência da facilitadora Maria José da Silva, que trabalhou a ampliação de sua área de terra com agroflorestamento, com plantas vegeta-

tivas locais e comestíveis. A facilitadora mostrou suas práticas de convivência com o solo sem agredir, adaptando a seca típica do Semiárido. Relatou a importância de valorização das nascentes d'água e a importância de tecnologias como as cisternas. Isso tudo proporcionou e estimulou as/os participantes a contar suas experiências e contribuir com o debate, compartilhando suas experiências, enriquecendo a aprendizagem do grupo.

Síntese final da oficina

Destaques	<ul style="list-style-type: none">• Toda a oficina foi muito interessante pela forma com que foi conduzida, sempre interligando a comunicação com experiências e práticas;• um ponto a ser destacado foi o fato de alguns depoimentos apontarem que, com o êxodo rural, quando as pessoas migram para a cidade, acreditam que teriam uma melhoria de vida, que se adaptariam melhor. Mas, na realidade, o campo tem muita riqueza; as pessoas que precisam se adaptar às realidades em que vivem.
Propostas	<ul style="list-style-type: none">• Foi proposto que elas/es trabalhassem na comunidade através de práticas, mostrando a sua convivência com a realidade do Semiárido;• valorizar as suas culturas e tecnologias nas lutas pelos direitos, e lembrar que o Semiárido é o recomeço da resistência.
Encaminhamentos	<ul style="list-style-type: none">• É essencial para o ser humano a vivência com outras comunidades, suas práticas e experiências no semiárido, pois assim podem mudar a realidade de seu local, de onde vivem, seja com melhorias necessárias ou dando devido valor ao local. "O semiárido é resistência e luta, perseverança ante as fraquezas".

Oficina 9 – Eu, um/a Comunicador/a Popular

Identificação

Nome da oficina	Eu, um/a Comunicador/a Popular	
Nome da facilitadora	Verônica Pragana	
Nome da relatora	Luana de Sousa Rodrigues Moura	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
20	11	9

Objetivo da atividade

O objetivo foi despertar e estimular a/o participante a “pôr a boca no trombone” quando se tratar de assunto de interesse da sua comunidade, escola, família. O que é preciso fazer para denunciar uma situação? O que eles/as precisaram fazer? A ideia é conversar sobre as habilidades necessárias para agir como um/a comunicador/a popular no espaço que frequentam.

Outro objetivo é desconstruir a crença de que o poder da comunicação pertence a quem tem ou trabalha nos veículos de comunicação de maior alcance como rádios, TV e blogs e/ou sites. Em outras palavras: despertar ou fortalecer o interesse pela comunicação como uma estratégia de organização comunitária e de defesa dos direitos negados, assim como de autoafirmação da identidade de jovem rural ou de comunidades tradicionais.

Dinâmica da atividade

A oficina foi permeada por vivências grêôs, que trabalham a ampliação da consciência sobre a história de vida de cada um/a e sua ancestralidade. Também se contaram histórias sobre a importância das histórias orais, dos povos, para a vida de cada um/a e das comunidades. Isso tudo alinhavando e estimulando a conversa em roda, em que cada um/a teve abertura para contar suas experiências e contribuir com o debate, compartilhando suas experiências e enriquecendo o debate e aprendizagem do grupo.

Síntese final da oficina

Destaques	<ul style="list-style-type: none">• um ponto a ser destacado foram alguns depoimentos que trouxeram o fato de que os/as familiares que moravam no campo falavam para a juventude estudar e sair de lá, que lá não tinha futuro e, em alguns casos, os/as jovens realmente foram estudar fora, mas não se adaptaram à vida na cidade. Eles entendiam a riqueza de uma forma diferente e acreditavam que no campo seriam muito mais ricos/as do que na cidade. Assim, mesmo com diplomas, voltaram para a vida no campo e se descreveram como felizes e realizados/as.
Propostas	<ul style="list-style-type: none">• Foi proposto que eles/as se mobilizassem nas suas comunidades através da comunicação, como descrito acima. O fato de eles/“O Movimento Cultural e as Novas Tecnologias: educomunicação contextualizada”as estarem no campo não os/as limita a lutar pelas suas causas só com pessoas do seu núcleo; agregar pessoas – da cidade, por exemplo – às suas lutas é essencial para conseguir melhor êxito no objetivo. Também foi proposto usar rádios comunitárias para difundir o outro lado de uma história e mobilizar a comunidade através da comunicação popular, pois todos/as são comunicadores/as e podem contribuir.
Encaminhamentos	<ul style="list-style-type: none">• É essencial ser humano na arte de comunicar; todos/as são comunicadores/as, e através da comunicação podem, sim, mudar a realidade de onde vivem, seja com melhorias necessárias, seja para resgatar as histórias dos/as antepassados/as, ou até mesmo com a própria juventude militante convencendo a juventude geral a ficar no campo. “É no Semiárido que a vida pulsa, é no Semiárido que o povo resiste.”

Oficina 10 – Jovens Comunicadores/as

Identificação

Nome da oficina	Jovens Comunicadores/as	
Nome das/os facilitadoras/es	Manuela Cavadas Maviael Melo	
Nome das/os relatoras/es	Rubens Rafael Rodrigues Silva Maria Raylla de Sousa Carvalho	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
37	(Não houve contagem)	(Não houve contagem)

Objetivo da atividade

Proporcionar aos/às jovens o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão como indivíduos e como grupos, através das linguagens de literatura de cordel e da fotografia, tornando mais fácil para estes/as suas expressões subjetivas e contextuais, de maneira coerente com determinado tema proposto.

Para além dos aspectos técnicos envolvidos, a intenção da oficina é a utilização das duas linguagens no sentido transformador da realidade, derivado da postura crítica e reflexiva do sujeito, do desenvolvimento de um olhar mais aguçado e da interpretação de maneira diferenciada do que enxergam ao seu redor.

Dinâmica da atividade

Os/as facilitadores/as desenvolveram uma dinâmica com a finalidade de compreender o que os/as participantes entendiam sobre comunicação. Foi entregue a cada um balão e um pedaço de papel para escrever uma palavra que lembrasse comunicação e um sentimento. Em seguida, os/as participantes se direcionaram para o centro da sala, fizeram um círculo e jogaram os balões para o alto, com o objetivo de misturar os balões e não os deixar cair. Ao final, voltaram à formação do círculo, estouraram os balões e leram o que continha em cada um dos papéis.

Após abordar o tema da comunicação através da fotografia, foi realizada uma dinâmica com objetivo de demonstrar como pode ser usada a fotografia virtual e de possibilitar os diversos pontos de vista de uma mesma realidade. Cada participante recebeu um quadro de papel e, com ajuda de uma música, se moveram na sala. Após a música parar, os/as participantes descreviam a imagem, o que viam, de acordo com o seu ponto de vista.

Síntese final da oficina

Destaques	<ul style="list-style-type: none">• Toda a oficina trabalhou com os/as participantes a construção da sua própria autonomia;• os/as facilitadores/as tinham como objetivo ampliar a visão dos/as participantes, utilizando a fotografia para expandir sua visão sobre sua realidade e o cordel para expressar o sentimento que essa visão proporcionou. Tendo como destaque as experiências e relatos feitos durante a oficina, vimos que o objetivo foi atingido, ajudando nessa construção pessoal de cada um/a.
Propostas	<ul style="list-style-type: none">• A oficina de jovens comunicadores/as proporcionou aos/às jovens um conhecimento que teve como proposta a conscientização e a valorização da cultura nordestina, utilizando as ferramentas de linguagens de comunicação com o intuito de mudar o olhar sobre a realidade e criar um perfil mais crítico.

Oficina 11 – Construção e Manipulação de Bonecos

Identificação

Nome da oficina	Construção e Manipulação de Bonecos	
Nome do facilitador	Chagas Vale	
Nome da relatora	Thais Emanuelle da Silva Arrais	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
6	2	4

Objetivo da atividade

A oficina consistiu-se no aprendizado da confecção e uso de bonecos de mamulengo com o objetivo de proporcionar às/aos participantes condições de utilizar essa atividade como fonte de renda, ferramenta de divulgação, denúncia e sensibilização de temas importantes, e animação cultural em shows, eventos e outras oportunidades.

Dinâmica da atividade

Na oficina foram utilizados bonecos pré-construídos, cabendo às/aos participantes a conclusão e o acabamento, incluindo pintura, colagem de cabelo, fixação de cabeça e mãos, e construção dos personagens. Após a conclusão dos bonecos, foram repassadas noções de técnicas vocais, construção de texto, improvisação e técnicas de manipulação.

Síntese final da oficina

(Não apresentada.)

Oficina 12 – Agitação e Propaganda como Estratégia de Organização e Resistência

Identificação

Nome da oficina	Agitação e Propaganda como Estratégia de Organização e Resistência	
Nome das/os facilitadoras/es	Fernanda Luz Costa Francisca das Chagas Silva França Sousa Jean Marx Santos dos Anjos	
Nome da relatora	Isabel Mariana Ferreira da Silva	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
12	11	1

Objetivo da atividade

O objetivo da oficina foi introduzir às/aos jovens os conceitos e práticas da agitação e propaganda bem como suas variadas formas como principal ferramenta de luta que foi desenvolvida pelas/os trabalhadoras/es nos campos de batalha da luta de classe. Com isso, buscou-se apresentar subsídio e estimular as/os jovens a desenvolver, em suas comunidades, o trabalho de base por meio dos instrumentos e táticas de *agitprop*.

Dinâmica da atividade

A oficina aconteceu intercalando momentos de explicação sobre o teatro crítico (onde e como surgiu, com qual objetivo foi criado) e sobre os tipos de teatro que seriam abordados (teatro do oprimido, teatro invisível, teatro silencioso) com mo-

mentos de prática, com dinâmicas para estimular a atenção, a concentração, o foco e o trabalho em grupo. Abordou-se, também, técnicas de estruturação do *agitprop*. Tendo em vista que cada espaço pede um tipo diferente de tática, o foco foi o teatro, mas apresentaram-se de forma breve a música e as palavras de ordem.

Síntese final da oficina

Destaques	<ul style="list-style-type: none">• Estimular o trabalho em grupo, a atenção, a concentração, o foco;• o teatro utilizado na agitação e propaganda é uma excelente ferramenta de luta, pois facilita a compreensão e a percepção das opressões do dia a dia.
Propostas	<ul style="list-style-type: none">• Apresentar para a sociedade que as ditas pequenas opressões não são tão pequenas assim e que não podem ser naturalizadas, devendo ser combatidas, como o machismo;• apresentar para a juventude meios alternativos de fazer trabalho de base, debater as opressões e fazer luta.
Encaminhamentos	<ul style="list-style-type: none">• Fazer trabalho de base nas entidades, movimentos e comunidades com o intuito de organizar grupos que possam produzir peças de teatro e ações de agitação e propaganda para conscientização de classe;• quando puder, aprofundar os debates e formar referências e quadros. A juventude deve tomar a frente dos espaços de formação.

Oficina 13 – Grafite É Arte

Identificação

Nome da oficina	Grafite É Arte	
Nome das/os facilitadoras/es	Erika Beatriz Rodrigues Menezes José Eduardo Araújo Borges	
Nome do relator	Ronaldo Coelho Pereira	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
30	22	8

Objetivo da atividade

Contribuir com o processo socioeducativo e de socialização de jovens, crianças e adolescentes, favorecendo sua acessibilidade às expressões artística e criativa por meio do grafite, proporcionando a autoestima e o espírito empreendedor.

Dinâmica da atividade

Inicialmente, as/osicineiras/os se apresentaram: pertencem ao grupo de grafiteiros VDC Crew, fazem parte do movimento hip hop do estado do Piauí e são profissionais que trabalham com grafite, sendo o José Eduardo (Alemão) também graduando do curso de Artes Visuais da UFPI.

A primeira parte da oficina consistiu numa abordagem predominantemente expositiva sobre o grafite, na qual foram apresentados conceito, tipos/estilos, e aspectos históricos e sociais sobre o seu surgimento, uso, apropriação por determinados grupos e como elemento da cultura hip hop, bem como sua dimensão enquanto linguagem de reivindicação, protesto, expressão do indivíduo ou grupos sociais. Além

disso, o ministrante falou sobre suas experiências e trabalhos como artista/grafiteiro e deu uma visão geral sobre o movimento hip hop e o grafite no estado, em nível regional e no Brasil como um todo.

Ainda na parte expositiva, foram apresentados alguns estilos de grafite, dando ênfase ao *Bubble Style*, estilo de letras arredondadas considerado um dos mais simples, e o *3D Style*, estilo tridimensional baseado num trabalho de brilho/sombra das letras, como também aos materiais usados no grafite, como tinta e spray, marcas e onde comprar. Essa parte da oficina tinha por objetivo servir de base para as atividades práticas, entre as quais a construção do produto coletivo da oficina, que foi a realização de pinturas em um dos muros do local de evento.

Na primeira atividade prática, foi distribuída uma folha branca A4 para cada participante desenhar usando lápis de cor seu nome ou apelido no estilo *Bubble Style* de grafite. A orientação era que o nome/apelido ocupasse toda a folha entregue. As/os facilitadoras/es atenderam às dúvidas das/os participantes, indo de cadeira em cadeira, dando exemplos e orientando as/os que estavam encontrando problemas para desenvolver as atividades. As/os participantes mostraram forte socialização e engajamento na atividade, tirando dúvidas com as/os facilitadoras/es, trocando lápis de cor e ideias, fazendo perguntas umas/uns às/aos outras/os sobre como fazer a atividade ou desenhar determinada letra.

A segunda atividade foi externa à sala onde se iniciou a oficina e desenvolvida de forma coletiva: ela consistiu na confecção de grafites no muro da quadra do local do evento. Antes do deslocamento para o local, cada participante recebeu luvas e máscaras como medida de segurança. Em seguida, os materiais para a pintura foram levados para o local e as/os facilitadoras/es passaram a orientar a atividade explicando o que seria feito, como manusear os sprays, qual a distância a que estes deveriam ser borrifados para cada efeito desejado e as etapas de cada pintura.

A atividade conseguiu envolver todas/os as/os participantes, que se distribuíram entre as pinturas e revezaram os materiais e etapas. As/os facilitadoras/es apenas deram as orientações iniciais, marcaram no muro as palavras que seriam pintadas perguntando antes ao grupo quais palavras eles queriam grafitar e, no decorrer da atividade, esclareceram dúvidas. Dessa forma, o protagonismo da atividade foi

deixado às/aos participantes, que tinham a liberdade para pintar como achassem melhor e poderiam também fazer outras pinturas individuais após o fim da atividade coletiva.

As palavras escolhidas pelas/os participantes foram “jovens”, “amor” e “resistência”. Os principais destaques na excursão dessa atividade foram a forte participação de mulheres, sendo estas o maior grupo e o mais engajado em grafitar, o identitarismo das/os jovens com o Semiárido – algumas/ns das/os participantes assinaram com spray “#Semiárido” –, a referência feita a movimentos sociais do campo, como a Juventude Camponesa, e a cooperação e socialização entre as/os participantes, que estavam sempre consultando, ajudando e conversando umas/uns com as/os outras/os. Ao final da oficina, com o término das pinturas, as/os facilitadoras/es se despediram e pediram que duas/dois voluntárias/os falassem sobre suas impressões, o que acharam da oficina e como o grafite poderia contribuir para a vida delas/es. Esses relatos estão descritos na seção de depoimentos.

Síntese final da oficina

Síntese geral

O grafite é tido como uma das expressões das artes visuais que possibilita às/aos autoras/es imprimirem no meio habitado suas percepções políticas, sociais e de relação com o meio, bem como produtos de sua liberdade artístico-criativa e de pensar, através da pintura em látex em muros e painéis. Nessa perspectiva, a oficina teve como objetivo contribuir com o processo socioeducativo e de socialização de jovens, crianças e adolescentes do Semiárido, favorecendo sua acessibilidade às expressões artística e criativa por meio do grafite.

A oficina se desenvolveu em dois momentos, o primeiro com uma abordagem predominantemente expositiva sobre o grafite, em que foram apresentados conceito,

continua...

Síntese geral

tipos/estilos, aspectos históricos e sociais sobre o seu surgimento, uso, apropriação por determinados grupos e como elemento da cultura hip hop, além de sua dimensão enquanto linguagem de reivindicação, protesto, expressão do indivíduo ou grupos sociais.

O segundo momento envolveu atividades práticas, a primeira em sala e individual, que consistiu no desenho em folha branca e com lápis de cor; já a segunda foi externa e coletiva, com a confecção de grafites no muro da quadra do local do evento, onde se pintaram as palavras “jovens”, “amor” e “resistência”. A parte prática da oficina foi marcada pela intensa socialização e cooperação dos participantes, além de uma perceptível apropriação e internalização das noções básicas do grafite, o que possibilita às/aos jovens participantes mais uma possibilidade de expressão artística para conscientização e exaltação da vida no Semiárido, bem como da relação de suas populações com este.

Oficina 14 – Juventude e Empreendedorismo

Identificação

Nome da oficina	Juventude e Empreendedorismo	
Nome do facilitador	Hernán Chiriboga	
Nome das relatoras	Maria Suely de Sousa Rodrigues de Moura Arielly Araújo Santos	
Número total de participantes	Mulheres	Homens
21	11	10

Objetivo da atividade

Desenvolver atitude de liderança no setor de empreendedorismo e atentar para a importância do trabalho em equipe.

Descobrir a estreita relação entre empreendedorismo e liderança, pois se requer que as/os líderes sejam capazes de influenciar aquelas/es que fazem as políticas e as/os que tomam as decisões no campo econômico. As/os líderes devem ser proativas/os, humildes, saber escutar, ser facilitadoras/es, talentosas/os e capazes de orientar seus esforços e seu norte. Devem possuir valores como: disciplina, humildade, honestidade e respeito.

Dinâmica da atividade

A oficina se desenvolveu por atividades práticas que se mostraram eficientes em atingir os objetivos propostos por Hernán Chiriboga, o oficineiro, e pretendia desenvolver o espírito de liderança, a importância do trabalho em equipe e a necessidade de trabalhar valores: transparência, honestidade, respeito... A desenvoltura da equipe, do grupo, foi se desenrolando à medida que foram realizadas as dinâmicas.

Ainda distantes no primeiro momento, no pátio, elas/es se desorientaram para encontrar o ponto cardeal norte com os olhos vendados. Essa dinâmica descortinou uma certeza que para tudo o quanto quiserem desenvolver precisam descobrir, inicialmente, em qual direcionamento, em qual norte irão focar.

A dinâmica seguinte – O lançamento das bolas – proporcionou um aprendizado maior: a equipe tem que estar unida, comprometida, se quiser atingir os objetivos, as metas propostas.

É gratificante observar a desenvoltura, em tão curto período de tempo, do aprendizado apresentado pelo grupo da oficina de juventude e empreendedorismo. Ver o interesse do grupo, todas/os unidas/os, e das/os que tinham funções mais visíveis, “importantes”, como diretoras/es e gerente da empresa. Mas todas/os trabalharam, se envolveram e perceberam que só houve êxito em atingir a meta estabelecida

porque a equipe estava unida pela confiança, valores e crença no potencial de cada uma/um e, conseqüentemente, de toda a equipe.

Síntese final da oficina

Destaques	<ul style="list-style-type: none">• A fala expressiva da maior parte das/os jovens foi sobre negócios, pois já estavam inseridas/os nesse contexto do empreendedorismo;• o visível aprendizado com o decorrer das dinâmicas: importância da liderança, valores como respeito e transparência, e a vital necessidade de engajamento com o grupo para que a equipe desenvolva suas metas.
Propostas	<ul style="list-style-type: none">• Criação de grupo no WhatsApp com os participantes da oficina para trocarem informações, formando uma rede de contatos;• direcionamento para procurarem ajuda especializada, identificar as empresas que prestam assessoria e se beneficiarem desses projetos (como o PVSA) que já estão à disposição, gratuitamente, para a comunidade.

ANEXO II

-
-
-

Carta do Governador

REGISTRO DE TRANSMISSÃO DA MENSAGEM AO FINAL DO ENCONTRO

O Governador do Estado do Piauí, José Wellington Barroso de Araújo Dias, considerou de extrema importância a realização do II Encontro de Jovens Rurais do Semiárido, realizado na primeira semana de abril de 2019, em Picos, e, em face dos trabalhos realizados no evento, ressalta que:

- Se manteve informado desde o I Encontro, lugar de decisão para realização do II encontro no Estado do Piauí, no município de Picos.
- Acompanhou e determinou apoio de seu Governo ao referido evento, no semiárido Piauiense.
- Sempre reconheceu a importância do evento nos seus objetivos, metas e estratégias;
- Acompanhou a sua realização, à distância, por vários meios e vias.
- Reconhece sua importância na participação de quase 500 jovens de todo o semiárido brasileiro, além de importantes convidados e convidadas, com destaque à participação especial do Frei Leonardo Boff;
- Reconhece o importante apoio do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola/FIDA, através do SEMEAR Internacional, PROCASUR, IICA e Instituto Governador do Estado do Piauí Reconhece o importante desempenho da equipe organizadora e coordenação geral com seus vários grupos de trabalho, com destaque especial à equipe da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural;

Em razão do bom êxito, felicita e torna público seu compromisso em receber documento final do encontro. Desta forma, o Estado, através de seus prepostos, assegura melhores perspectivas de interação com as políticas públicas definidas no encontro e voltadas à inclusão e engrandecimento social e profissional dos jovens rurais. Sem perder de vista a perspectiva de, na forma da Lei, tratar na instância em que participam Governadores e Governadoras de todo o Nordeste Brasileiro.

Teresina/PI, 07 de abril de 2019.



JOSÉ WELLINGTON BARROSO DE ARAÚJO DIAS

Governador do Estado do Piauí



MARIA LÚCIA ARAÚJO E SILVA

Assessoria – porta-voz da mensagem

Da coordenação e organização geral do Encontro

Do Governo do Estado do Piauí-SDR

Acessem mais informações e vejam as fotos do evento no site do Programa Semear Internacional:

<http://portalsemear.org.br/fida/encontro-de-jovens-rurais-do-semiarido/>

